



Ministério

Novembro - Dezembro de 2001

Uma revista internacional para pastores e obreiros



CRISTO

Autor e consumidor
de todas as coisas





WILLMORE EVA

Editor de Ministry

Palavras têm poder e nós sabemos disso muito bem. Na realidade, palavras ásperas, frias, falsas ou severas têm o poder de dismantelar uma vida. Ao mesmo tempo, palavras bem escolhidas, apropriadas e oportunas, ternamente proferidas, têm o poder de restaurar, transformar e curar vidas. Usar as palavras nesse último sentido é um dos negócios em que nós, como pastores, estamos envolvidos.

Durante as últimas décadas, parece que temos depreciado o poder das palavras. Envolvidos por todo tipo de macetes da comunicação moderna, as palavras têm se barateado por seu irrestrito uso comum. Nós as ouvimos e as lemos incessantemente. Atualmente, podemos atirá-las em qualquer direção, via telefone convencional ou celular, televisão, rádio, fitas cassete, vídeo, CDs, satélites, e-mail, livros, revistas, cartas, etc. Em conversações ou palestras ao vivo, elas têm sido facilitadas graças aos milagres dos sistemas naturais de transmissão. E só estamos mencionando uns poucos meios que nos encorajam a usar as palavras.

Erquando-se no mais arrojado contraste com esse uso fácil das palavras está a seguinte descrição: “Os céus por Sua palavra se fizeram, e, pelo sopro de Sua boca, o exército deles. Pois Ele falou, e tudo se fez; Ele ordenou, e tudo passou a existir.” (Sal. 33:6 e 9). Ao lado disso, a expressão “E disse Deus... E assim se fez” é chave no primeiro capítulo de Gênesis.

Semelhantemente à maneira como nossas mãos se movem em resposta aos nossos pensamentos e intenções, a autoridade criativa e o poder residente na Palavra de Deus agiram na criação. A Bíblia está pontilhada de descrições feitas pelos profetas e outros escritores, tais como: “E veio a mim a palavra do Senhor...”; “E disse o Senhor...” Era fundamental, no chamado do profeta, a proclamação da Palavra de Deus recém-saída dos Seus lábios.

Poderá ser possível que a natureza do ministério cristão esteja interligada com tal autoridade? Somos nós, realmente,

ministros desse poder verbal? Depois de estar pregando e ensinando por muitos anos, ainda me deparo com essa realidade inquietante. Quanto mais compreendo a natureza e a veracidade do meu chamado, mais responsável desejo ser com as palavras que proclamo; pois a vida e a morte residem encobertas em cada frase. Existe, porventura, algo pior do que um ministro que perdeu o sentido da natureza e do poder da Palavra de Deus e, assim, do ministério cristão?

Lucas 4 fala de Jesus Cristo retornando para a Galiléia “no poder do Espírito Santo” (v. 14), e lendo no livro do profeta Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre Mim, pelo que Me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-Me para

proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor.” (Vs. 18 e 19).

Por que está a pregação caindo em descrédito no mundo contemporâneo? A solução para esse dilema reside em dois pontos: proclamar a divina Palavra e fazê-lo no poder do Espírito Santo. Assim fizeram os profetas; assim fez Jesus Cristo, Ele mesmo a Palavra viva que veio de Deus; e assim fizeram os apóstolos no dia de Pentecostes.

O que as Escrituras dizem sobre a natureza, autoridade e sobre o papel da Palavra de Deus na existência humana, é

simplesmente maravilhoso, inspirador e capacitador.

Essa é a Palavra pela qual nós, ministros do Senhor, devemos nos deixar afetar profundamente e a qual devemos proclamar. Necessitamos saber onde e como encontrá-la. Devemos ouvir cuidadosamente a Palavra tal como nos é outorgada, pedir que nos seja repetida, até que estejamos seguros de que a possuímos.

Devemos absorvê-la o mais diretamente possível dos lábios de Deus. Devemos conhecê-la em sua forma escrita e viva. Devemos conservá-la fresca e clara dentro de nós, enquanto a conduzimos. Devemos apresentá-la fielmente no lugar e aos indivíduos aos quais fomos chamados a ministrar. Vamos proclamá-la de maneira bem clara, não por nossa causa, mas em consideração ao Seu autor. Então, no caminho dessa proclamação, haverá fé, cura e verdadeira liberdade. ✓

**Antes de
proclamarmos
a Palavra,
devemos
absorvê-la em
nós mesmos.**

Ministério

Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 72 – Número 06 – Nov./Dez. 2001
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos

Revisoras: Ildete Silva e Mercedes Campos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza

Programador Visual: Jobson Santos

Colaboradores Especiais:

James Cress; Alejandro Bullón; Jonas Arrais; Wilmore Eva; Julia Norcott

Colaboradores:

Arlindo Guedes; Jair Garcia Góis;
José S. Ferreira; Mário Valente;
Montano Barros Neto

Capa: Heber Pintos

Diretor Geral: José Carlos de Lima

Diretor Financeiro: Edinor Max Gruber

Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:

<http://www.cpb.com.br>

Serviço de Atendimento ao Cliente:

sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/ministerio

www.dsa.org.br/elministerio

Tiragem: 4.300 exemplares

5972/8931

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600; CEP 70279-970,
Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
CERTIFICADA PELA ISO 9002

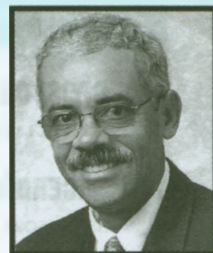
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia

Rodovia SP 127 – Km 106 – Caixa Postal 34,
18270-970 Tatuí, SP



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem *prévia autorização escrita* do autor e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

E D I T O R I A L



O tudo e o todo

Docetismo, ebionismo, monarquianismo, arianismo, monofisismo e gnosticismo são alguns conceitos que surgiram com a finalidade de negar a divindade e a primazia de Cristo. A Bíblia, entretanto, é rica em provas de que Jesus foi mais que um grande benfeitor da humanidade ou um mártir. Era “Emanuel”, “Deus conosco”, e isso diz tudo a Seu respeito.

Nenhum bebê foi concebido, desenvolveu-se e cresceu como Jesus. Nenhum adulto consumou tantas realizações como Ele o fez. Ninguém orou como Jesus orou; nenhum mestre ensinou como Ele ensinou. Ninguém O igualou em obediência. Ninguém curou enfermidades, acalmou tempestade e perdoou pecados como Cristo. Jamais alguém amou como Jesus amou.

A vida de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador, foi vivida em completo amor revelando um caráter imaculado, impecável, irrepreensível. Três atributos – inocência, total humanidade e divindade – fazem dEle um Salvador plenamente credenciado. A inocência é o tecido com que é confeccionado o manto de justiça com o qual nos cobre. Em Sua humanidade, Ele é medido em nosso lugar, de modo que o manto da salvação tenha um formato e modelo que agrade ao Rei e se ajuste aos seres humanos. A humanidade torna a inocência aplicável a nós. Mas sem a divindade, o plano da salvação seria inútil. Somente a divindade confere a Cristo o direito de outorgar Sua obediência a outros. Somente a divindade Lhe dá o direito de depor Sua vida em nosso favor.

Por tudo isso, Jesus é absolutamente inigualável. Seu nome é poderoso para consolar espíritos angustiados, e vencer hostes inimigas. Nesse nome, e em nenhum outro, há salvação, tal como expressa um poeta sacro:

“Cristo, a simples menção do Teu nome

“acalma a tempestade, conforta o quebrantado e ressuscita o morto.

“Em Teu nome, Cristo, eu tenho visto criminosos empedernidos serem abrandados; e a luz da esperança iluminar seus olhos como os olhos de uma criança.

“Imperadores têm procurado destruir o Teu nome.

“Tiranos têm se esforçado para lavá-lo da face da Terra com o sangue daqueles que Te amam.

“Oh, você bem sabe, não foi por mero acaso que numa noite,

“há muito tempo atrás, um anjo disse a uma virgem:

“e Ele será chamado Jesus’. Você sabe o que significa esse nome?”

Jesus é o tudo e o todo. É o centro e a razão da existência. De Si mesmo afirmou: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim” (Apoc. 22:13). E Paulo testemunhou a Seu respeito: “Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nEle, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a Terra, as visíveis e as invisíveis, sejam troncos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dEle e para Ele” (Col. 1:15 e 16). Só Ele é. À parte dEle, nada é. NEle, por Ele e para Ele todas as coisas são.

Zinaldo A. Santos

- 12 • OPOSTOS QUE SE ATRAEM** • Como administrar as diferenças individuais na vida conjugal.
- 14 • SACERDÓCIO COMPARTILHADO** • “A igreja é um governo das pessoas, para as pessoas e todos os cristãos são as pessoas.”
- 17 • A PRIMAZIA DE CRISTO** • Uma análise sobre a pessoa de Jesus Cristo, na carta aos colossenses.
- 21 • CONFLITOS NA IGREJA** • Orientações para resolver atritos entre membros de uma congregação.
- 23 • SECULARISMO ONTEM E HOJE** • Princípios que ajudam a evangelizar com êxito um mundo materialista como o atual.
- 26 • O ESTRANHO ATO DE DEUS** • Pode um Deus amoroso castigar homens e mulheres impenitentes?
- 28 • O ESPÍRITO DA SEGUNDA MILHA** • Fazer mais do que o dever impõe é transformar a obrigação em privilégio e oportunidade para crescimento.
- 30 • ENGODO NA PREGAÇÃO** • Usar ilustrações para aclarar a mensagem é importante. Mas o sensacionalismo deve ser evitado.

SEÇÕES

- 2** SALA PASTORAL
- 3** EDITORIAL
- 4** CARTAS
- 5** ENTREVISTA
- 8** AFAM
- 10** PONTO DE VISTA
- 16** IDÉIAS
- 32** NOTÍCIAS
- 34** RECURSOS
- 35** DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



*“À luz do Calvário se patenteará...
que o amor que ‘não busca os seus interesses’
tem sua fonte no coração de Deus;
e que no manso e humilde Jesus
se manifesta o caráter
dAquele que habita na luz
inacessível ao homem.”*

Ellen White

Alto padrão e bom gosto

Quero parabenizar todos os que fazem a revista Ministério, pelo novo visual, que a tornou ainda mais atraente e interessante do que já era. Os artigos e seções são de alto nível; despertam o imediato desejo de leitura e são adequados à nossa realidade. Não há dúvida de que a revista representa um grande instrumento de auxílio para os pastores e demais líderes de igrejas que desejam fazer um bom trabalho em favor das pessoas que almejam viver na eternidade.

Com seu alto padrão de qualidade e bom gosto, Ministério nada fica a dever a outras revistas do gênero. Que Deus os abençoe ricamente.

Edivan Jorge Costa, ancião de igreja em Boa Vista, RR

Lutero e o evangelho

A leitura da matéria “Lutero e o evangelho” (M1-julho/agosto 2001) é muito estimulante. Mas quero acrescentar um pensamento que poucos autores reconhecem. Os reformadores não apenas tinham diferentes visões sobre o tema abordado como mudaram concepções, com o passar do tempo, à medida que estudavam mais e debatiam uns com os outros. Lutero, particularmente, não estava tentando estabelecer uma teologia sistemática, mas tentando responder situações particulares. Seus escritos são similares aos de Ellen White, no sentido de que devem ser olhados no respectivo contexto.

D. J. B. Trim, Newbold College, Inglaterra



ZINALDO A. SANTOS

O Pastor David Osborne bacharelou-se em Teologia na Universidade Adventista do Sudeste, nos Estados Unidos. cursou o mestrado no Seminário da Universidade Andrews, especializando-se em aconselhamento pastoral. Suas atividades na Igreja Adventista, incluem pastorado de igrejas na Flórida, Sudeste da Califórnia, Sul da Nova Inglaterra e na Associação Norte da Califórnia, embora a maior parte dos seus 37 anos de ministério tenha sido desenvolvida em colégios e universidades. Foi diretor do Departamento de Educação Religiosa no Colégio *Forest Lake*, pastor associado da igreja colegiada *La Sierra*, capelão da Universidade *La Sierra*, pastor da igreja do *Atlantic Union College*, vice-presidente desse colégio, da Universidade *La Sierra* e da Universidade *Loma Linda*.

Sua esposa, Judy Osborne, trabalha no Departamento de Família e Ciências no *Pacific Union College*. O casal tem um filho, David Júnior. Atualmente, o pastor Osborne trabalha como secretário ministerial da Divisão Norte-Americana, com sede em Washington, ao mesmo tempo em que acumula o pastorado da igreja de Sacramento, na Califórnia.

Evidentemente, não é muito comum que um secretário de departamento, em qualquer nível administrativo da Igreja acumule as funções de pastor distrital. O fato de isso acontecer com um secretário ministerial de uma Divisão é, indubita-

velmente, uma experiência inusitada. A respeito disso Ministério procurou ouvir o Pastor Osborne. A seguir, os principais trechos da entrevista, feita durante as reuniões do Conselho Consultivo da Associação Ministerial da AG, em Washington, e também via internet.

Ministério: *Como surgiu a idéia de acumular as funções de secretário ministerial de uma Divisão e pastor distrital?*

Pastor David Osborne: A Divisão Norte-Americana convidou-me para servir como secretário ministerial, evidentemente, em tempo integral. Entretanto, eu raciocinei que se eu tinha de ocupar essa função, que é a de pastorear pastores, então eu deveria ser um pastor com grande credibilidade entre eles. O ministério pastoral está experimentando mudanças muito rápidas; de modo que, qualquer indivíduo que permaneça fora das atividades essencialmente pastorais mais do que cinco anos, acabará não acompanhando as mudanças e poderá ter dificuldade em liderar os pastores. Pensando nisso, decidi não aceitar o chamado. Expus minhas idéias ao presidente da DNA que, posteriormente, decidiu experimentar um novo paradigma e reconfigurou a Associação Ministerial da Divisão.

Ministério: *Como seria esse novo paradigma?*

Pastor Osborne: Bem, ele deveria resultar em uma Associação que funcionasse mais em consonância com as necessidades atuais dos pastores na América do Norte. Para cumprir esse objeti-

vo, foi estabelecido que a liderança da Associação Ministerial deveria ser ocupada por pastores que dedicassem parte do seu tempo a uma igreja local, e o restante da sua equipe trabalhasse na sede da Divisão. Isto é, o secretário ministerial deveria atuar como tal em metade do seu tempo. A outra metade seria dedicada a pastorear uma igreja. Os deveres dos secretários associados deveriam ser divididos ao longo de 1/4 a 3/4 do tempo. Um secretário associado e o pessoal de apoio permaneceriam em tempo integral na sede da Divisão. Em adição a isso, um consórcio de pastores com representação de várias áreas da Divisão, se reuniria de dois em dois anos para aconselhar a Associação em seu trabalho. Nesse contexto, confirmou-se o chamado para que eu fosse o secretário ministerial, permanecendo ao mesmo tempo como pastor da Igreja Adventista Carmichael, em Sacramento, Califórnia. Os Pastores John Nixon, Duane Schoonard e Michael Tucker dão 1/4 do seu tempo como secretários associados. O evangelista, Pastor Eradio Alonso, serve em tempo integral como secretário associado, estabelecido na sede da Divisão, além de realizar, obviamente, as campanhas evangelísticas.

Ministério: *Qual a composição desse consórcio de pastores ao qual o senhor se referiu?*

Pastor Osborne: Este é o Conselho Consultivo da Associação Ministerial. Foi composto por pastores cujos nomes foram apresentados pelos presidentes

das Uniões. Eles são representativos das misturas raciais, culturais, etárias, etc., da Divisão. O número de pastores escolhidos foi proporcional ao número de membros de cada União. Os presidentes de Uniões e seus respectivos secretários ministeriais analisaram os seus melhores pastores, alguns dos quais líderes de grandes igrejas, de acordo com o critério prescrito pela Associação Ministerial da Divisão.

Ministério: *Esta é uma idéia que já está definitivamente implantada ou ainda é uma questão experimental?*

Pastor Osborne: É uma iniciativa que ainda pode ser considerada experimental. Mas muitas Associações locais já compraram a idéia e estão nomeando secretários ministeriais que continuam servindo como pastores em suas igrejas.

Ministério: *Como é possível desempenhar as funções de secretário ministerial de um Campo e pastor de igreja, sem que uma das atividades sofra algum prejuízo?*

Pastor Osborne: Eu não estou seguro de que isso seja totalmente possível. O “júri” que dará o veredicto sobre essa questão ainda está em andamento. A Divisão Norte-Americana teve de criar um fundo adicional que permitirá à igreja a admissão em tempo parcial de um pastor auxiliar. Ele cuidará de questões administrativas. Acredito que isso possa fazer a diferença para melhor.

Ministério: *Quais são as vantagens dessa prática, e quais as dificuldades que o senhor já pôde detectar?*

Pastor Osborne: A vantagem é que a Associação Ministerial da Divisão pode permanecer afinada com o tempo, as necessidades e o pensamento dos pastores. Mas realmente é difícil focalizar ao mesmo tempo sobre as necessidades no âmbito de uma Divisão e as de uma igreja local muito ativa. Se não estivéssemos vivendo uma era altamente eletrônica, isso seria absolutamente impossível. A Divisão providenciou um telefone celular através do qual recebo, onde eu estiver, qualquer chamado telefônico que chega ao escritório. Para quem chama, é a mesma coisa se eu estou no escritório ou a mais de três mil quilômetros de distância. Também me foi providenciado um *laptop* para uso de e-mails, fax e internet, de modo que mantemos comunicação instantânea durante cada dia de

trabalho. A desvantagem é que cada metade do tempo acaba parecendo tempo integral.

Ministério: *O senhor poderia apontar alguns benefícios práticos já observados?*

Pastor Osborne: O resultado que eu poderia considerar extremamente benéfico é o incontestável apoio dos pastores que sentem que têm um deles no escritório da Divisão. A formação do Conselho Consultivo da Associação Ministerial da Divisão Norte-Americana fez os pastores sentirem que a Igreja está realmente interessada em ouvi-los. A equipe da Associação Ministerial da Divisão agora conta com um secretário ministerial titular e quatro associados; de modo que podemos atender muito mais reuniões, congressos, concílios ministeriais, seminários de treinamento, etc.

O chamado pastoral

é o mais gratificante

e o mais excitante

trabalho na Terra.

O pastor é um embaixador

de Deus.

Ministério: *Qual o plano que o senhor estabeleceu para atender à igreja, aos requerimentos da secretaria ministerial da Divisão e à sua família?*

Pastor Osborne: Eu gasto dois ou três dias por ano, com os oficiais da igreja, planejando todas as atividades a longo prazo. Emprego uma manhã, durante a semana, para afinar os detalhes. Na Divisão, nos reunimos duas vezes no ano com os 15 membros da Associação Ministerial e do Conselho Consultivo dos pastores, para planejar uma estratégia ampla. Também me comunico regularmente através de e-mails ou telefone com os líderes ministeriais dos Campos. Por experiência própria, o que eu pude perceber é que a igreja sente muito a ausência do seu pastor no púlpito, durante os sábados. Em razão disso, te-

nho procurado cumprir a maioria dos compromissos na Divisão, de domingo a sexta-feira. E ainda posso dedicar tempo à família, que nesse sentido se resume à esposa. Nosso filho já é adulto; de modo que mesmo necessitando de nossa atenção, e a receba, não é o mesmo caso como se fosse uma criança ou um adolescente.

Ministério: *Para o senhor, o que significa ser um pastor? Quando e em que circunstâncias sentiu-se chamado para esse trabalho?*

Pastor Osborne: O chamado pastoral, para mim, é o mais excitante e gratificante trabalho na Terra. Faço parte da quinta geração de adventistas do sétimo dia em minha família. Meu primeiro ascendente adventista foi um pastor que, nos anos 1800, começou seu ministério na União Sudeste. Meu pai exercia a profissão de médico e eu estava determinado a seguir os seus passos. Mas a influência do Espírito Santo e a orientação de um conselheiro de jovens, durante os meus dias de juvenil em um colégio, me compeliram ao ministério pastoral. Tenho realmente desfrutado o máximo de cada minuto da minha vida, desde então.

Ministério: *O que o senhor considera mais gratificante e o que considera mais frustrante neste trabalho?*

Pastor Osborne: Há muitas coisas com as quais muito me alegro no ministério; mas a mais gratificante é conduzir uma pessoa a Cristo. Considero frustrantes coisas como ver alguém seguir seu próprio caminho, apesar dos nossos apelos, conselhos, e das orientações da Palavra de Deus. Disputas entre os membros e críticas maldosas também ferem.

Ministério: *Qual, a seu ver, o perfil de um pastor para um tempo de mudanças tão rápidas como o atual?*

Pastor Osborne: O pastor deve primeiramente ser um embaixador de Deus. Deve viver em conexão com Ele. Então desenvolverá qualidades de sabedoria, bom senso, habilidade até para rir de si mesmo, empatia, amor, ensino, pregador, discipulador e treinador do povo para a tarefa missionária. A habilidade para ser um poderoso pregador da Palavra de Deus é essencial. Isso requer profundo conhecimento da Bíblia e da natureza humana em suas

necessidades. O evangelho não muda, mas a cultura e a sociedade estão em constante mudança. O pastor deve ter habilidade para inovar e conduzir, juntamente consigo, a congregação a uma experiência mais profunda com Deus.

Ministério: *Como pastor de igreja, o que o senhor espera dos administradores e departamentais da Associação, e dos membros da sua congregação?*

Pastor Osborne: Como um pastor, eu espero visão e apoio, mas não microgerenciamento da Associação. Os membros da igreja deve esperar o mesmo de mim. Como um líder-servo, eu não tenho o direito de esperar qualquer coisa dos membros da igreja. Devo dar-lhes de mim mesmo; devo amá-los. Uma lei da natureza humana estabelece que se as pessoas são amadas, encorajadas, valorizadas e espiritualmente motivadas, retribuirão na mesma medida para você.

Ministério: *Como um secretário ministerial, o que o senhor espera dos pastores distritais?*

Pastor Osborne: A denominação tem o direito de esperar lealdade à missão e planos da Igreja. Um pastor necessita ter uma vida exemplar e equilibrada de oração, estudo, trabalho, lazer, atenção à família e comprometimento espiritual. Como secretário ministerial de uma Divisão, meu contato com os pastores distritais nem sempre é direto. Entre mim e eles estão os secretários ministeriais da União e do respectivo Campo. Mas sei que os secretários das Associações devem visitar e pastorear os pastores, ajudando-os a desenvolver as virtudes que os tornarão pastores completos. Também haverá ocasiões em que, juntamente com esses colegas, poderei visitar os pastores, ouvi-los, orar com eles e seus familiares, e servir no que for necessário.

Ministério: *Descreva as prioridades do trabalho pastoral.*

Pastor Osborne: A primeira prioridade é a devoção pessoal e o estudo. Segunda, pregação efetiva, fortemente centralizada na Bíblia. Terceira, criar um clima na igreja para conquista de almas, crescimento cristão e nutrição espiritual, que leva os membros a aceitar, amar e perdoar os pecadores de dentro e de fora da igreja. Finalmente, a quarta prioridade é desenvolver um

sistema educacional forte, para nutrir e educar nossas crianças e nossos jovens.

Ministério: *Sempre se ouve falar de modernos desafios que ameaçam o pastor e sua família, em todo o mundo. Como é possível superá-los?*

Pastor Osborne: Eu poderia escrever um livro sobre esse assunto. A família pastoral está vivendo sob intensa pressão em virtude da inadequação financeira, expectativas dos membros das igrejas, estilo de vida, mudanças dos papéis familiares, influência da mídia no comportamento; enfim, em virtude do rápido crescimento do mal em nossos dias. Se eu tivesse uma resposta definitiva para tais desafios, eu poderia ficar famoso no mundo. Mas creio que a resposta que posso dar é que precisamos encontrar tempo para ajoelhar-nos e orar com nossas famílias. Em face

Um pastor

nunca deve esquecer-se

de que é pastor.

E deve ter prazer

em ser pastor.

da gravidade dos perigos que nos ameaçam, a única segurança indestrutível está em vivermos em comunhão com Jesus Cristo.

Ministério: *Em sua opinião, o que a igreja mais necessita atualmente?*

Pastor Osborne: Creio que como filhos de Deus necessitamos aceitar nossa verdadeira urgência de depender completamente de Jesus, e não de nós mesmos. Assim experimentaremos a alegria e o poder do Espírito Santo em uma medida plena. Na América do Norte, o povo vive em uma correria perniciososa em busca de segurança financeira e prazer. A prosperidade cega a sua dependência de Deus, e isso afeta profundamente a Igreja. As pessoas estão buscando respostas para os dilemas e os terríveis

problemas da vida; e sempre vão buscar tais respostas em lugares errados. Necessitamos continuar orando por sabedoria e poder para satisfazer nossas necessidades espirituais. Estou certo de que o quadro é o mesmo em qualquer lugar do mundo. Então a solução não pode ser diferente.

Ministério: *Qual é a igreja dos seus sonhos?*

Pastor Osborne: A minha igreja, a Igreja Carmichael está muito perto disso. É uma igreja grande, extremamente amistosa, crescente, amorosa, dinâmica, com membros capazes. É uma igreja que tem pouca ou quase nenhuma controvérsia. Desejo que ela seja ainda mais capacitada para evangelizar e conduzir pecadores a Cristo.

Ministério: *Com base em sua atual experiência, o senhor recomenda que todo secretário ministerial também seja, ao mesmo tempo, um pastor distrital?*

Pastor Osborne: Eu sinto que ao combinar os papéis de um secretário ministerial e de um pastor distrital, o secretário ministerial pode manter-se afinado. Pelo menos, ele não ficaria mais de cinco anos longe da saudável experiência de cuidar de uma igreja, correndo o risco de desatualizar-se em relação a esse trabalho. Um pastor nunca deve esquecer-se de que é pastor. E deve ter prazer em ser pastor. É extremamente salutar que ele esteja sempre envolvido em atividades essencialmente pastorais. Ele pode fazer isso de várias maneiras: continuando como pastor distrital, sendo um pastor associado, permanecendo interinamente em uma igreja quando um pastor é transferido, etc. Enfim, ele pode ser chamado a exercer qualquer função na Igreja; mas deve sempre agir como pastor.

Ministério: *Se o senhor tivesse apenas uma oportunidade de falar aos ministros e à Igreja Adventista, que apelo lhes faria?*

Pastor Osborne: Eu apelaria no sentido de que eles buscassem o aq uecedor poder do Céu e então obedecessem a ordem de Jesus: "Ide... fazei discípulos..." Isso é mais que ensinar e batizar. Discipular é crescimento e desenvolvimento cristão através de um relacionamento indissolúvel com o Mestre dos mestres. Devemos levar os membros de nossas igrejas a essa experiência. ✓

SENHOR dos montes



SANDRA PEARSON

*Diretora associada do programa de TV
Fôlego de Vida, Silver Spring, Maryland,
Estados Unidos*

Elevo os meus olhos para os montes: de onde me virá o socorro?

“O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a Terra.

“Ele não permitirá que os teus pés vacilem; não dormitará Aquele que te guarda.

“É certo que não dormita, nem dorme o guarda de Israel.

“O Senhor é quem te guarda; o Senhor é a tua sombra à tua direita.

“De dia não te molestará o sol, nem de noite, a lua.

“O Senhor te guardará de todo mal; guardará a tua alma.

“O Senhor guardará a tua saúde e a tua entrada, desde agora e para sempre.” Sal. 121.

Essas palavras têm transmitido segurança a multidões, levando-as ao topo do contentamento e aí sustentando-as, depois de haverem atravessado o profundo vale do desespero. Elas se tornaram sinônimas de afirmação, certeza e

*Existem muitas fontes de ajuda em momentos de provas.
Mas somente uma é infalível e absolutamente segura:
Jesus Cristo*

ânimo; de tal maneira que lágrimas de alegria e sorrisos de felicidade brotam na face de pessoas que estavam sob terrível angústia, tão logo começam a ser recitadas. Esse é um daqueles salmos que sempre parecem apropriados, não importa o que nós enfrentemos.

Existe uma outra camada debaixo dessa serena superfície. Alguns comentaristas dizem que o salmista está sugerindo que nós frequentemente olhamos para os montes à procura de ajuda, mas é o Criador dos montes que merece tal demonstração de confiança. Isso nos leva a uma reflexão: Estaríamos nós, particularmente quando enfrentamos alguma crise, confiando na criatura, nos homens, na prosperidade material, nas coisas, até mesmo nas montanhas, mais do que confiamos nAquele que criou todas as coisas? Confiamos nós nos poderes da Terra, quando Seu poder, Sua providência e bondade estão abundantemente disponíveis? Penso que, às vezes, estamos agindo dessa forma. E não surpreende, porque somos humanos.

Cadeia de montanhas

Que recursos, materiais ou humanos, representam em nossa vida as montanhas das quais, consciente ou inconscientemente, estamos dependendo quando necessitamos de ajuda para manter-nos emocionalmente estáveis dia após dia?

Quando reflito nos 33 anos vividos como esposa de pastor, mãe, dona de casa e profissional, compreendo que é somente a poderosa mão de Deus que me tem sustentado e ajudado a desempenhar esses papéis. Jesus foi a invisível, insubstituível, irredutível e imutável realidade que brilhou em meio às trevas, guardando-me e à minha família através de todos esses anos.

Até poucos anos atrás, meus pais foram as montanhas de que eu dependi. Sua cuidadosa direção durante minha infância foi inestimável, mas não mais significativa que o encorajamento que eles me supriram na vida adulta. Eles se tornaram os melhores amigos para meu esposo e eu. Nós os visitávamos, desfrutávamos períodos de férias juntos, recebíamos seu apoio e força regularmente. Sim, meus pais foram dedicados cristãos cujo sábio aconselhamento e devoção mútua representaram uma fortaleza virtual. A família, para nós, é uma parte importante em nossa cadeia de montanhas na qual buscamos ajuda.

Num sentido mais realístico, meu esposo é uma montanha para mim, e acredito que ele poderia dizer a mesma coisa em relação a mim. Nosso filho primogênito e eu nos lembramos com muito carinho, por exemplo, as advertências que ele repetia sempre que chegávamos a uma nova igreja. Ele dizia à congregação ser ele o único membro da

família que era pago para suportar críticas e sofrer pacientemente futuras arengas. Advertia que, se alguém nos ferisse, teria que orar muito para que o Espírito Santo o dominasse. Ele é uma montanha; na realidade, uma montanha grande e forte.

Cedo em minha experiência, fui abençoada com alguns modelos dignos de imitação; esposas de pastores e mães experientes que, por preceito e exemplo, enriqueceram minha base emocional e de informação. Em períodos críticos, seus conselhos e orientações me envolveram. Em meu desenvolvimento como esposa de ministro, lá estavam elas, estáveis e inspiradoras montanhas em minha vida.

Através dos anos, estrategicamente Deus colocou nobres em meu caminho, que compreenderam e tiveram empatia com minhas provas. A confiança entre nós foi-se desenvolvendo, enquanto partilhávamos alegrias e tristezas. Em virtude da distância ou de alguma outra barreira, muitas vezes forçando-me a caminhar sem o apoio de uma companheira, aprendi a entesourar aqueles relacionamentos e depender deles para meu conforto, em tempos de necessidade, especialmente naqueles tempos quando me senti desamparada.

Objetos de ataque

Não é mistério nem segredo. Tanto o pastor como sua esposa são escolhidos como alvo para os ataques do inimigo. A influência da esposa sobre a efetividade do pastor é maior do que podemos imaginar. “A esposa de um ministro do evangelho pode ser tanto a mais eficiente ajuda e uma grande bênção para seu esposo como um obstáculo para ele em seu trabalho. Muito depende da esposa se um ministro crescerá dia a dia em sua esfera de utilidade, ou se ele descerá para um nível ordinário.” – *Ministério Pastoral*, pág. 86.

A influência da esposa do pastor é tão essencial que não pode ser ignorada por Satanás. Seu ataque sobre a esposa tem poder para causar uma devastação tão séria como os ataques desferidos contra o próprio ministro. Cada uma de nós deve reconhecer a importância de nossa força espiritual. Quando somos fortes, nosso esposo tende a

ser encorajado e sentir-se afirmado. Se nos permitimos desenvolver uma experiência superficial, a efetividade do esposo diminuirá.

A questão crucial é: para quem nos volvemos em tempos de vulnerabilidade? Davi afirma que não podemos depender das montanhas. Elas nos desapontarão eventualmente. Talvez no exato momento em que enfrentarmos nosso maior inimigo, procuraremos e não encontraremos assistência alguma. Só haverá montanhas.

Acima dos montes

Algumas vezes, as montanhas representam problemas em vez de soluções,



mas Jesus sempre está presente para defender e encorajar. Ele é a pronta ajuda em tempos de necessidade. O mesmo poder que trouxe o mundo à existência, que lançou os corpos celestes em sua rota através do cosmos; o mesmo poder que deu vida a todos os seres vivos está pronto a intervir em nosso favor. Mas precisamos olhar além das montanhas, para encontrá-Lo.

Deve haver esposa de pastor que nunca enfrentou alguma adversidade, mas eu ainda não conheço. Existem aquelas que aparentemente pensam ser a “montanha da ambição” um refúgio resistente no qual às vezes confiam. Com o tempo, entretanto, encontram feridas, frustrações e ressentimentos.

Jesus permanece acima das montanhas oferecendo saúde para cada enfermidade do corpo ou da alma.

Também existem aquelas que acariciam a crença de que a organização à qual nos referimos como Igreja, de algum modo atenderá as necessidades de todo obreiro e suprirá os recursos necessários para sustento de cada família pastoral. Embora eu agradeça a Deus pela forte montanha que é a Igreja, devo insistir que precisamos olhar acima dela. O mesmo Jesus cujo poder e autoridade firmam a “nau de Sião” em meio à fúria das águas, conduzirá a família pastoral na palma das Suas mãos.

Sou testemunha da fidelidade de Deus. Ele sempre conduziu-me e à minha família, de modo maravilhoso. Servindo à Igreja como conselheira voluntária, desempenhando as responsabilidades de mãe ou exercendo uma carreira profissional, nunca estive só. Mas precisava olhar acima das montanhas, para ver, pela fé, a Sua face.

Não trocava a experiência de ser esposa de pastor por nada no mundo. Ela me permitiu ver como o triunfante poder de Cristo supera o mal, mesmo quando a minha tarefa pareceu ser a mais ingrata, interminável e solitária no mundo.

O Guarda de Israel

Minha força vem do Senhor dos exércitos e do conhecimento de que somos preservados por um Guarda que não dorme nem dormita, mas protege e nos refrigera como um rio fluindo à sombra de uma árvore na hora mais quente do dia. Ele nunca está longe. Sempre está perto. Está à nossa mão direita, dando-nos força para cumprir as tarefas que nos parecem impossíveis.

Ele não deixará que nos extraviemos do caminho. Embora a adversidade e a crítica tentem nos derrotar, Ele dissipa nossos temores guardando nossos pés.

“Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a Terra.”

Essas são palavras nas quais esposas e pastores devem repousar, não importando se estejam no topo da esperança ou na mais estéril e desolada planície do mundo. ✓

A SEMÂNTICA do terceiro mandamento



GLEIDE E. FAYE PEDROSA

Esposa de pastor, professora de Linguística na Universidade Federal de Sergipe, Brasil

“**N**ão tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o Seu nome em vão.” Êxo. 20:7.

Que explicação podemos oferecer, com base na teoria da comunicação e nos pressupostos lingüísticos, para o mandamento em que Deus ordena a Seus filhos não tomarem Seu santo nome em vão? O que Ele estava querendo prevenir através dessa exigência?

A linguagem articulada é o modo privilegiado de comunicação da sociedade. Ela é o próprio fundamento das relações interpessoais. Os indivíduos de um determinado grupo procuram comunicar-se elegendando um código. Para que um ato comunicativo ocorra, é necessário que um emissor tenha algo a transmitir a um ou vários interlocutores. Logo, ele tem que tornar comum seus pensamentos através da codifica-

ção de suas idéias, transformando-as em mensagem.

Samira Chalhub afirma que mensagens diferentes veiculam significações as mais diversificadas, conseguindo mostrar, através de seu traço e marca, o seu modo de funcionar. “O funcionamento da mensagem ocorre tendo em vista a finalidade de transmitir – uma vez que participam do processo comunicacional: um emissor que envia a mensagem a um receptor, usando o código para efetuar-la; esta, por sua vez, refere-se a um contexto. A passagem da emissão para a recepção faz-se através do suporte físico que é o canal.”

E essa mensagem pode apresentar uma ou várias funções ou objetivos que justifiquem a sua formulação. Entre as funções (emotiva, apelativa, informativa, fática, metalingüística e poética), queremos destacar a fática.

Objetivo

Qual é o objetivo de uma função fática? Com que tipo de expressões essa função lida? Qual o conteúdo semântico dos enunciados que são identificados como função fática da linguagem? Entender tais questões é entender o motivo por que Deus pediu que Seus adoradores não usassem o Seu nome em vão; em uma situação ou um contexto qualquer.

A função fática está centrada no canal. Ela é utilizada pelos locutores com a finalidade de estabelecer a comunicação, ou mesmo checá-la ou concluí-la. É uma forma de testar o canal, ter a segurança de que a comunicação está

ocorrendo. Funciona como um conjunto organizado de expressões que pouco informam. São exemplos disso as fórmulas de cortesia, os cumprimentos, as saudações, a linguagem animal, o choro de crianças. Toda expressão que tenha por objetivo manter o canal de comunicação aberto é um exemplo dessa função.

Características

Edward Lopes aponta algumas características da mensagem dotada de função fática:

Opõe-se ao silêncio. Numa reunião de qualquer caráter, espera-se que todas as pessoas presentes conversem, mesmo não tendo algo tão significativo para dizer. É aí que entra em cena a função fática, para quebrar o silêncio. “Olá!” “Tudo bem?” “Como vai?”

Não é escolhida. “Muito prazer!” e expressões equivalentes são praticamente obrigatórias para ocasiões de apresentações. A sociedade já escolheu para serem empregadas nesses rituais. São obrigatórias, em oposição ao silêncio que não é bem-vindo em tal contexto.

Semanticamente não-marcada. Numa situação social de apresentação, a resposta “muito prazer!” não traz uma carga semântica, pois é totalmente previsível. No entanto, se a pessoa ficasse em silêncio, essa atitude seria marcada semanticamente. Por isso, quando respondemos “tudo bem” à pergunta “como vai?” necessariamente não significa que tudo esteja bem. Na verdade, estamos compartilhando uma regra social de cumprimentos.



“Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o Seu nome em vão.” Êxo. 20:7.

Quando saudamos alguém, não esperamos que essa pessoa nos dê um relatório geral de sua vida. Assim, as expressões de saudação, os cumprimentos são todos semanticamente não-marcados. Perderam o valor semântico devido ao uso social.

Mensagem velha. O falante não precisa criar novas expressões de saudação a cada novo encontro ou apresentação. Ele utiliza as já consagradas pela comunidade lingüística.

Sentido ritualístico. Esse sentido predomina sobre o lingüístico. Tais clichês fazem parte dos costumes e rituais de comportamento social.

As expressões de caráter fático são desprovidas de significado; não correspondem ao sentido natural que costumam ter. São usadas rotineira e mecanicamente.

O mandamento

O terceiro mandamento da Lei de Deus diz: “Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o Seu nome em vão.” Por causa do

grande zelo pelo próprio nome, o nosso Deus quer evitar que ele se desgaste, que seja semanticamente não-marcado. Além do mais, o nome de Deus não pode veicular uma mensagem velha. Muito pelo contrário, a mensagem transmitida pelo nome de Deus deve ser renovada a cada manhã.

Parafraçando o mandamento, dentro da abordagem em pauta, poderíamos ler: “Não usarás o nome do Senhor teu Deus, semanticamente não-marcado, porque o Senhor não terá por inocente o que utilizar Seu nome de forma ritualística, lingüisticamente desgastado, como uma mensagem velha.”

Recordemos que nossa sociedade criou variadas expressões ou interjeições formadas com o nome de Deus; porém, semanticamente não-marcadas: “Meu Deus!” “Graças a Deus!” “Deus me livre!” ou, mais irreverente ainda, “aquele cara lá de cima”. Nossa preocupação reside no fato dessas interjeições terem caído no lugar comum, desgastando o santo nome de Deus. Transformaram-se meramente em uma função fática, sem nada de

novo. São expressões utilizadas mecanicamente, tornaram-se clichês, mensagem velha, previsível.

Bem diferente é o que encontramos nos Salmos. “Senhor, Deus meu, em Ti me refugio” (7:1); “Eu Te invoco, ó Deus, pois Tu me respondes...” (17:6); “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (22:1); “Ó Deus, salva-me, pelo Teu nome.” (54:1);

Nome santo

Daí entendemos a razão pela qual Deus não aceita que Seus filhos usem Seu nome em vão, num sentido ritualístico, sem valor semântico. Um Deus todo-poderoso não pode aceitar Seu nome transformado em clichê. “Pois, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por vossa causa” (Rom. 2:24).

O escritor Rubens Lessa, em seu livro *O Homem do Terceiro Milênio*, pág. 166, expressou-se manifestando preocupação a esse respeito: “Nunca, ao longo dos séculos, o nome de Deus foi usado com tanto desrespeito, como em nossos dias! A aproximação do terceiro milênio confirma um processo de banalização das coisas sagradas. Qual a causa dessa tendência? Cremos que, entre outros fatores, a falta de conhecimento da palavra de Deus, o modelo permissivo da mídia e um crescente espírito de presunção humana.... O desrespeito ao nome sagrado não é visto, de um modo geral, como transgressão do terceiro mandamento. ... O sagrado nome é usado de maneira vulgar, como se fosse um recurso da linguagem.”

Cabe a nós, cristãos, não sermos influenciados por esse contexto, procurando não reproduzir em nossas falas essas interjeições que banalizam o nome de Deus, e recordar o que está escrito em Êxodo 3:14 e 15: “Disse Deus a Moisés: Eu Sou o que Sou. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: Eu Sou me enviou a vós outros. Disse Deus ainda mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O Senhor, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me enviou a vós outros; este é o Meu nome eternamente, e assim serei lembrado de geração em geração.”

“Tributai ao Senhor a glória devida ao Seu nome” (1 Crôn. 16:29). “Pois o Senhor, por causa do Seu grande nome, não desampará o Seu povo...” (1 Sam. 12:22). ✓

OPOSTOS que se ATRAEM



Divulgação

**AROLDO FERREIRA ANDRADE
e MIRIÃ G. ANDRADE**

*Ele, pastor na Associação Rio de Janeiro;
ela, professora, diretora dos
Departamentos de Jovens e Lar e Família*

Certamente já ouvimos, em algum lugar, que “os opostos de atraem”. A frase não é nova e, muitas vezes, essa afirmação extraída do campo científico é utilizada para a aproximação de dois jovens que iniciam o período de namoro em direção ao casamento. Será essa uma afirmação verdadeira, quando relacionada à questão conjugal? Podemos fazer uso dela, em todos os sentidos, quando tratamos da união de um homem e uma mulher?

A experiência, tanto com casais jovens como com casais maduros, mostra que algumas diferenças entre um homem e uma mulher são fatores de aproximação. Especialmente entre os casais que estão iniciando a vida a dois. Já entre os casais maduros, algumas diferenças que persistem através do casamento, mal administradas, podem ser fatores de separação.

Todo casal pode vencer suas diferenças, por maiores que sejam, e não permitir que elas superem o amor que um dia os uniu

Diferenças que aproximam ou separam

“Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gên. 2:24). Essa é a primeira e mais importante diferença entre os seres humanos. No casamento estabelecido por Deus, a diferença de gêneros é o principal fator de aproximação. Mudanças no conceito de casal são estranhas ao plano proposto no Éden.

Em outras áreas também há diferenças que podem produzir união. Uma moça introvertida poderá sentir-se segura na presença de um rapaz extrovertido e vice-versa, por exemplo. Tais diferenças parecem produzir um sentimento de complementação. Um procura no outro algo que lhe falta. E, quando se unem, se completam. Assim, podemos afirmar que as diferenças nessas áreas podem gerar resultados positivos.

São várias as áreas nas quais os aspectos negativos das diferenças podem influenciar um casamento. Diferenças culturais, sociais, econômicas, genéticas, raciais e religiosas estão no topo da lista. Nessas áreas não há campo natural para a união. Em todas elas é possível estabelecer um relacionamento estável, desde que alguém esteja disposto a ceder alguma coisa. O espírito de renúncia e de sacrifício pessoal deve ser bem mais evidente quando há diferenças nessas áreas.

Imaginemos uma moça, filha única, educada por seus pais com muito cari-

nho e cuidados especiais. Desde pequena, teve tudo o que gostaria de ter. Em tenra idade ainda, aprendeu a organizar-se dentro de casa, tendo cada coisa no seu próprio lugar, horário para cada atividade, etc.

Chega o período em que naturalmente será atraída a algum rapaz. Um dia, ele surge, atraente, simpático, determinado a conquistá-la. Finalmente encontram-se e enamoram-se um do outro. Contra isso, não há vacina. A química produzida pelos hormônios, tanto os femininos como os masculinos, entra em ação no tempo certo em cada corpo humano. Nenhum pai necessita dizer para os filhos: “a partir de hoje, você já pode gostar de alguém.” Isso é algo que vai acontecer naturalmente.

Mas, quem é “aquele rapaz”? De onde vem? Como foi criado? Inicialmente, o coração não presta atenção a esses detalhes. Mesmo com o aconselhamento dos pais e de educadores cristãos, além da leitura de bons livros sobre o assunto, alguns só acordam para os detalhes depois de estarem casados.

Bem, e o rapaz? Ele é o terceiro de uma família de cinco irmãos, todos homens. Criado em uma família simples, sem muitos recursos, mas que aprendeu com o amor ao trabalho a vencer na vida. Já não reside com os pais; divide um quarto com outros colegas. Foi criado por uma mãe que sempre fazia as coisas em sua casa,

sem a ajuda dos filhos. Talvez até porque achasse que deveres domésticos são assuntos femininos. Agora, morando com os amigos, os reflexos do tipo de orientação doméstica recebida na infância aparecem, mas ninguém se intromete na vida do outro. Cada um cuida das suas coisas.

Enfim, chega a ocasião do casamento, uma bela festa como todo jovem cristão sonha ter. Eles não têm outras diferenças acentuadas. São da mesma classe social, possuem a mesma cultura, professam a mesma religião, nada que aparentemente possa indicar um casamento destinado à catástrofe. Passam os dias românticos da lua-de-mel e, finalmente, começam a vida a dois em seu novo lar.

Começam a aparecer os detalhes não observados durante o namoro. Ela, acostumada a ver peças de vestuário guardadas em seus devidos lugares, o que vê agora? Sapatos, meias e peças íntimas espalhados pelo chão do quarto, pela sala, nas maçanetas das portas do quarto ou do banheiro. Vê toalhas estendidas no encosto das cadeiras ou sobre o parapeito das janelas.

A jovem esposa faz que não vê anormalidade alguma, nos primeiros dias. Nos próximos, tenta arrumar a bagunça masculina. Começa a reclamar com o sujeito desarrumado com quem ela decidiu viver a vida inteira na mesma casa. Ele diz que sempre viveu assim e, por sinal, muito bem. Ela insiste, depois de algumas discussões e semblantes fechados, ele promete que vai ajudar. Alguns dias depois, as meias sujas do esporte são esquecidas no chão do banheiro e, então... ninguém poderá prever como tudo isso vai terminar. Se não houver bom senso, pode terminar até em divórcio. Ela fala demais, ele nunca reclama. Ele nada faz para mudar de atitude. A razão do divórcio? Incompatibilidade de gênios.

Os gênios individuais até que poderiam ser incompatíveis, mas essa razão não existe. A razão para o desastre conjugal, nesse exemplo, está bem atrás. Muitos anos atrás, quando começou a educação doméstica do menino que



agora é um homem casado. Por isso, Tomas Fuller afirmou, com muita propriedade: “Abre bem teus olhos antes do casamento; e conserva-os meio fechados depois de realizado.” – *A Arte de Compreender Seu Cônjuge*, pág. 195.

Experiência pessoal

Para quem enfrenta dificuldades no casamento há consolo: não existe problema para o qual os dois não possam encontrar a solução, desde que a estejam buscando juntos.

Podemos contar como aprendemos a crescer juntos. Estávamos recém-casados, era nossa primeira semana após a lua-de-mel. Nossa casa era pequena, com poucos cômodos, mas era um ambiente que irradiava felicidade. Até que um dia, as diferenças, antes não percebidas, apareceram.

Naquela inesquecível primeira sexta-feira, antes do pôr-do-sol, a casa já estava arrumada. O banheiro estava tão limpo e cheiroso que até parecia uma suíte presidencial. Cada coisa estava no seu devido lugar. Mas, no chão, estavam dois tapetes de pano. Um em frente à pia; e o outro, na entrada para o box do chuveiro.

Quando a esposa viu aqueles tapetes, tão enroladinhos que pareciam terem acabado de chegar da loja, iniciou-se uma discussão que durou algumas horas de mau-humor, no primei-

ro início de sábado depois de casados, e posteriormente algumas palavras de perdão e reconciliação. Onde estava a raiz do problema? Nos tapetes do banheiro? Não. Ela estava lá atrás, muitos anos atrás, na maneira diferente em que cada um havia sido criado para os deveres domésticos e os cuidados do lar.

Segredo da paz

Daquele dia em diante, tomamos uma decisão importante. Venceríamos cada problema ajudando-nos mutuamente. Cada um procuraria enaltecer as virtudes do outro e torná-las mais evidentes. Por outro lado, cada um ajudaria o outro a vencer seus defeitos. Dessa maneira, crescemos juntos.

O segredo para vencer como casal cristão e pastoral é buscar o crescimento juntos. Hoje, vinte anos depois, já não há tantos tapetes no banheiro. Por outro lado, quando eles aparecem lá, sempre existe alguém que dá uma olhada antes de sair do local. Nada se compara com a alegria de ver um cônjuge feliz por causa de um ato de renúncia do outro.

Há uma frase que brotou da nossa experiência conjugal e costumamos usá-la no aconselhamento de noivos e jovens casais. Sempre a repetimos no momento de uma cerimônia de casamento: “Todo casal tem semelhanças e diferenças. As semelhanças e as diferenças podem unir ou separar. Não permitam que aquilo que os separa seja mais forte do que aquilo que os une.”

Devemos aprender a lidar com nossas diferenças culturais e educacionais, pois algumas delas só aparecem no convívio diário. Todo casal, por maiores que sejam suas diferenças, pode vencê-las e não permitir que elas sejam mais fortes que o amor que um dia os uniu. Não há poder no Universo mais forte que o amor. Ele tem sua origem em Deus e de Deus é transferido para as pessoas. O alimento que nutre o amor conjugal é composto pela solidificação diária das semelhanças entre um homem e uma mulher que se amam, ajuda mútua para crescerem juntos e a presença do poder de Deus. ✓

Sacerdócio COMPARTILHADO



EFRAÍN CHOQUE Q.

Secretário e professor no Seminário de Teologia da Universidade Adventista da Bolívia

Na Bíblia, a fé cristã não é percebida como uma estrutura missionária em que os sacerdotes sejam profissionais e componham uma hierarquia superior em relação aos leigos. De certa forma, herdamos essa visão hierárquica da estrutura da Igreja Católica. Oscar Feuchet acertadamente disse que “o ministério é um ofício; não uma ordem. Muito menos uma ordem de bispos, sacerdotes e diáconos. A Igreja é um governo das pessoas, para as pessoas e todos os cristãos são as pessoas”.¹

É falso o conceito de que o clero e o laicato têm ministérios separados, e que ao pastor cabe cumprir a missão em virtude do seu trabalho. A palavra grega *klerós* geralmente é traduzida como “lote”, “porção”, “parte de algo”, ao passo que a palavra *laós* tem o significado de “povo”, “mundo”. A diferença entre os dois termos não possui origem bíblica. Segundo a His-

Evangelismo é um estilo de vida fundamentado no princípio bíblico de que pastores e leigos são ministros, na execução da tarefa missionária

tória, ao redor do ano 95 d.C., os escritos de Clemente já diferenciavam entre “os chamados e os não chamados”. Jerônimo e, mais tarde, Orígenes também fazem semelhante distinção.

Durante a Idade Média essa teoria foi desenvolvida com mais clareza. Os sacerdotes ou clérigos eram considerados como uma classe espiritualmente superior aos leigos. Nesse contexto, os leigos deviam encontrar a Deus com a ajuda mediadora do sacerdote, que até podia perdoar pecados, definir doutrinas e interpretar a Bíblia.

Uma distinção dessa natureza, a bem da verdade, pode ser prejudicial ao avanço da tarefa missionária. “Qualquer diferença entre o sacerdócio clerical e o dos crentes é apenas de função e não de posição.”²

Fundamento escriturístico

Na Igreja do Novo Testamento, era bem compreendido o princípio bíblico de que todo crente possui uma função sacerdotal. Pedro conhecia o princípio do Antigo Testamento sobre o sacerdócio universal de todos os crentes, quando escreveu sua carta. Em I Pedro 2:4-10, ele ressalta que todos os que recebem a Cristo são considerados sacerdotes. O apóstolo cita Moisés quando esse patriarca afirmou

ser o *laós* “propriedade peculiar [de Deus] dentre todos os povos... reino de sacerdotes e nação santa” (Êxo. 19:5 e 6).

Note-se que Pedro faz uma afirmação do modelo do Antigo Testamento. Para ele, foi cumprida uma profecia (v. 2). Cristo rejeitado chegou a ser a pedra sobre a qual foi edificado o templo. Nos versos cinco a nove são detalhados pelo menos seis títulos conferidos aos crentes. De acordo com essa relação, cada crente é chamado por Deus como “pedras que vivem”, “casa espiritual”, “raça eleita”, “nação santa”, “sacerdócio real”, e “povo de propriedade exclusiva”. A figura de linguagem é clara. O sacerdócio é um ofício para todos os crentes. Todos eles têm o *status* de ministro.

Ao chegarem a essa compreensão bíblica, pastores e leigos estarão impulsionando uma relevante vocação missionária de todas as forças da igreja. Escrevendo aos cristãos efésios, Paulo fala dessa realidade. O impacto do chamado vem “na obrigatoriedade de andar com Deus e viver o chamado”,³ de tal forma que honre a Deus. No capítulo 4 da carta aos efésios, sobressai a palavra “um” para destacar a unidade de todos os cristãos, como parte do ministério. Dentro dessa

unidade básica, percebe-se a diversidade. Cada um deve contribuir para o crescimento e o progresso integral da Igreja.

A lista dos dons espirituais apresentada por Paulo também revela Jesus como plenamente autorizado para outorgá-los aos crentes. O apóstolo destaca três propósitos básicos dos dons: aperfeiçoamento dos santos, desempenho do serviço e edificação do corpo de Cristo. Nessa dinâmica, o pastorado aparece como um ministério entre os muitos que a Igreja possui. Então, o processo da edificação, crescimento “em tudo” (v. 15), é uma função compartilhada entre o pastor e os leigos (v. 16). Quando os crentes trabalham unidos com a diversidade de ministérios, a Igreja chega a ser um movimento contínuo entre Deus, os membros e o sentido de missão diante do mundo. De fato, a Igreja necessita experimentar tal dinâmica de crescimento integral.

Durante Seu ministério pessoal, O Mestre aproximou-Se das pessoas para lhes dar a salvação e lhes enviar a testemunhar. Depois de libertar o endemoninhado gadareno, disse-lhe: “Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti” (Mar. 5:19). E o gadareno testemunhou em Decápolis. No encontro com Zaqueu, Ele procurou um lugar familiar, a casa do próprio Zaqueu, para então dizer-lhe: “Hoje, houve salvação nesta casa” (Luc. 19:1-10). A mulher samaritana, após ser envolvida com o perdão do Mestre, começou a testemunhar dizendo: “Vinde comigo e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. ... Muitos outros creram nele, por causa da sua palavra” (João 4:1-42).

Os especialistas em crescimento de igreja descobriram que as igrejas crescentes são aquelas que integram a força leiga na evangelização. Um estudo realizado por Win Arn revela que cada cristão pode, potencialmente, identificar sete ou oito amigos ou parentes que não são convertidos. Arn conclui dizendo que “70% a 90% dos membros chegam à igreja pela influência de um amigo, parente ou sócio”.⁴ Isso quer dizer que a congregação pode crescer de maneira saudável através de “redes” de amizade. Se esse modelo for colocado em prática, em



uma igreja de 50 membros, essa comunidade teria potencialmente 400 fiéis, no futuro.

Christian Schwarz opina que os pastores das igrejas crescentes são modelos reproduzíveis. Tais igrejas visualizam o potencial leigo. “É uma boa notícia comprovar que os pastores das igrejas que crescem não são necessariamente superastros.... Os responsáveis por igrejas em crescimento concentram seu trabalho em capacitar outros crentes para o serviços.”⁵ E Gooftfried Oosterwal sentencia que “um dos sete fatores básicos de desenvolvimento da Igreja Adventista é a igreja local como base do evangelismo”.⁶

A função pastoral

- Por sua função, o papel do pastor está dividido em três aspectos: a pregação, a administração dos ritos e a liderança. Algumas dentre as tarefas que podem ser identificadas como pastorais são as seguintes:
- Favorecimento do ministério compartilhado. O pastor deve tomar a iniciativa de envolver os crentes de acordo com os seus dons. Criar o clima apropriado para motivar e ratificar cada crente em uma missão significativa, relacionada com as necessidades, afiliação e sentido de pertinência de cada um.
- Liderança servicial. O pastor lidera servindo. Exerce uma liderança participativa.
- Ensino. No Novo Testamento, Je-

sus freqüentemente é reconhecido como Mestre. Com esse modelo, o pastor dedica tempo para a instrução e o ensino da metodologia bíblica no trabalho missionário.

- Equipa os santos. O equipamento dos leigos envolve o compromisso pessoal de cada membro (I Tim. 6:10) no sentido de compreender bíblicamente o propósito da Igreja no mundo. Requer também a consideração dos dons espirituais da pessoa para solução de seus problemas. Equipar os santos significa iniciar novos ministérios na Igreja, a partir dos dons espirituais (II Tim. 3:17).

A estratégia centralizada no potencial dos missionários voluntários é um princípio bíblico, exercido e recomendado por Jesus à Sua Igreja. O êxito pastoral em nosso tempo reside no preparo e mobilização dos leigos, trabalho individual por eles, para fazer crescer a Igreja. ✓

Referências:

1. Oscar E. Feucht, *Everyone a Ministry* (St. Louis, Londres: Concordia Publishing House, 1986), pág. 35.
2. Juan Millanao, *Capacitación del Obrero Voluntario Adventista* (Lima: Universidade Peruana União, 1988), pág. 9.
3. Willard H. Taylor, *Comentario Bíblico BEACON* (Kansas City, Missouri: Casa Nazarena de Publicaciones, 1978), vol. 10, pág. 215.
4. Win Arn, *Como Poseer una Iglesia Revitalizada, Saludable, Creciente y Amante* (Lima: Salt, 1998), pág. 52.
5. Christian Schwarz, *Las 8 Características Básicas de una Iglesia Saludable* (Terrassa: CLIE, 1996), págs. 22 e 23.
6. Gooftfried Oosterwal, *La Iglesia Adventista del Séptimo Día en el Mundo Contemporáneo* (Libertador San Martín, Entre Ríos, Salt, 1981), pág. 18.

Uma CEIA diferente



Fernando Guimarães

JORGES MÁRIO DE OLIVEIRA

Professor no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP

Inegavelmente há na sociedade uma sede generalizada por inovações. As mudanças, em fração de segundos, geradas pelas imagens da televisão, têm sido responsáveis por esse condicionamento humano. Como igreja, não ficamos fora dessa influência. Percebe-se entre nós o mesmo condicionamento que impulsiona à busca de coisas diferentes. Por isso, é muito comum ouvir-se expressões tais como “música nova”, “programa novo”, etc.

Um exemplo disso é o que acontece com a cerimônia da Santa Ceia. Por ser um acontecimento trimestral, alguns ficam incomodados com a mesma estrutura do programa e dão asas à imaginação. Mas a Santa Ceia não é um programa, nem uma cerimônia comum. É um rito. A diferença está nos elementos simbólicos e representativos que possui. Cada detalhe de sua essência tem seu significado e não deve sofrer alterações. Foi Jesus quem a instituiu. Fez isso no lugar da festa da Páscoa dos judeus, com o objetivo primário de que

fosse um ativador da memória cristã. “Fazei isto em memória de Mim...” (I Cor. 11:24 e 25). Necessitamos de elementos concretos para não nos esquecermos dos abstratos.

O que está certo

Devemos prestar atenção especial aos elementos da Santa Ceia que, pelo ensino das Escrituras, devem ser:

- Cerimônia da humildade (rito do lava-pés).
- Pão sem fermento.
- Suco de uva sem fermentação.
- Emblemas do pão e do cálice devem ser servidos.
- Pronunciamento de bênção sobre os emblemas, separadamente, servindo-se primeiro o pão, e depois o cálice, conforme I Cor. 11:23-26.

O que está errado

Algumas alterações nunca devem ser feitas, pois ferem a estrutura ritualística da Ceia.

- Omitir o lava-pés.
- Fazer o lava-pés em casa, para evitar movimentação na igreja.
- Fazer o lava-pés depois de servir o pão e o vinho.
- Homens lavando pés de mulheres e vice-versa, salvo em ocasiões muito especiais, quando casais casados participam juntos.
- Usar qualquer outra coisa que não seja pão sem fermento.
- Usar vinho alcoólico ou sucos diversos, em lugar do suco de uva sem fermentação.
- Servir o pão e o vinho ao mesmo tempo, ou inverter a ordem (o modelo bíblico é claro).
- Deixar que as pessoas sirvam-se a si mesmas.

O que pode variar

Há coisas que podem ser feitas para tornar diferente a Santa Ceia, sem afetar o seu simbolismo.

- Ocasionalmente, pode-se fazer o lava-pés antes do sermoneio. Ao chegarem, as pessoas podem se dirigir ao local indicado; em seguida, reúnem-se para ouvir o sermão e participar dos emblemas.
- Lava-pés entre casais casados ou em família, onde pai mãe e filhos participam juntos. Não deve ser uma prática rotineira, mas reservada a ocasiões especiais.
- A decoração da mesa pode ser variar. Por exemplo, flores, uvas, galhos de trigo seco, pães redondos semelhantes aos pães sírios, castiçais, toalhas cobrindo toda a mesa. Em outra ocasião somente os emblemas estariam cobertos.
- A própria localização da mesa faria uma Santa Ceia diferente da outra. Numa ocasião, estaria na plataforma da Escola Sabatina. Noutra, no lugar do púlpito, ou em diagonal na extremidade de uma das plataformas.
- O horário pode variar. No sábado pela manhã (no Culto Divino), sábado à tarde, sexta-feira à noite, pôr-do-sol de sexta-feira, culto de oração de quarta-feira, culto evangelístico de domingo à noite, em uma vigília, etc.
- Pode-se usar somente música instrumental em uma ocasião; noutra, música congregacional ou por algum grupo. Também pode-se fazer o lava-pés sem música. O silêncio tornaria o momento bem mais reflexivo e propício à oração em duplas, antes do ritual.
- Numa ocasião, os emblemas podem ser distribuídos enquanto o oficiante faz a leitura de textos bíblicos. Noutra, pode haver apenas música instrumental, ou silêncio para meditação.
- Como se vê, é possível fazer uma Santa Ceia diferente sem afetar o significado que a cerimônia possui. A Santa Ceia foi instituída por Jesus Cristo com propósitos bem definidos e deve ser mantida com os mesmos propósitos, para que eles sejam cumpridos na vida de todo adorador. ✓

A primazia de CRISTO



Divulgação

EMILSON DOS REIS

Professor do Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP

Em Jesus habita a plenitude da divindade. Ele é criador e redentor.

Por isso é sem igual

Corria o ano 62 da Era Cristã. O apóstolo Paulo se encontrava preso em Roma, onde recebeu a visita de Epafras. Esse homem possivelmente se convertera ao cristianismo durante o ministério de Paulo em Éfeso. Depois disso dedicara-se a evangelizar Laodiceia, Colossos e Hierápolis, cidades que ficavam no vale do rio Lico, na Ásia Menor, hoje Turquia. Em cada uma havia uma igreja cristã, e Epafras era o seu pastor (Col. 1:7 e 8; 4:12 e 13).¹

O Pastor Epafras fora buscar orientação e ajuda de Paulo para enfrentar um inimigo que começava a atacar o cristianismo² e que já havia afetado alguns membros da comunidade cristã de Colossos; uma heresia em desenvolvimento que procurava combinar o evangelho com outras doutrinas religiosas.³ Tendo como base o misticismo oriental,⁴ incorporava elementos da fé cristã e idéias judaicas. Mais tarde, a partir do segundo século, receberia o nome de

gnosticismo⁵ – derivado no termo grego *gnosis*, que significa conhecimento.

O gnosticismo ensinava que Deus criara muitos seres espirituais e angelicais, de várias categorias, os quais haviam realizado a criação material⁶ e serviam de intermediários entre Ele e a humanidade. Cristo era apenas um deles.⁷ Assim, negava a encarnação, a divindade de Cristo e a redenção efetuada por Ele na cruz. Afirmava que a salvação não deveria ser obtida por meio da fé,⁸ mas através de um conhecimento superior, o qual era alcançado somente por uns poucos e que elevaria estes a um nível espiritual mais alto.⁹

Encarava a matéria como “fonte de todo mal”.¹⁰ Incentivava o desprezo pelo corpo, valorizava a prática de cerimônias judaicas (jejuns e abstinências) e o culto aos anjos. Embora seus defensores apresentassem tais ensinamentos como filosofia,¹¹ a Bíblia os classifica como “vãs subtilidades” (Col. 2:8). Essa

heresia assediou a Igreja por aproximadamente 150 anos. No Novo Testamento existem oito cartas que buscam desmascará-la.¹²

Após ouvir Epafras, Paulo escreveu uma carta à igreja de Colossos, na qual combate os ensinamentos gnósticos, expõe a majestade de Cristo e a perfeita redenção efetuada por Ele. Neste artigo analisaremos um parágrafo dessa carta, aquele que é considerado como a porção mais cristológica de toda a Bíblia.¹³

“Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do Seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados. Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nEle, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a Terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dEle e para Ele.

“Ele é antes de todas as coisas. NEle tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, da Igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia, porque aprovou a Deus que, nEle, residisse toda a plenitude e que, havendo feito a paz pelo sangue da Sua cruz, por meio dEle, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a Terra, quer nos céus.

“E a vós outros também que, outrora, éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas, agora, porém, vos reconciliou no corpo da Sua carne, mediante a Sua morte, para apresentar-vos perante Ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis, se é que permanecéis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro.” (Col. 1:13-23).

Essa passagem apresenta três relações do Filho de Deus: com a divindade, com a criação e com a Igreja.

Cristo é Deus

Segundo o verso 13, Cristo é o Filho de Deus. A Bíblia foi escrita de acordo

com a mentalidade oriental, que é diferente da nossa em muitos aspectos. Assim, se alguém dissesse que você é filho de seu pai, os orientais não pensariam que você é mais jovem do que seu pai, mas que você possui a mesma natureza que ele possui. Desse modo, quando as Escrituras declaram que Jesus é o Filho de Deus, não querem ensinar que Ele é uma criatura de Deus e, sim, que Ele possui a mesma essência de Deus, que Ele é igual a Deus.

Sim, Jesus era o Filho de Deus – o Filho do Seu amor ou Filho amado. O próprio Deus deu testemunho disso ao dizer: “Este é o Meu Filho amado, em quem Me comprazo” (Mat. 3:17; 17:5). É Jesus Se alegrou quando Pedro fez a memorável confissão: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mat. 16:16 e 17).

Ele é a imagem de Deus (Col. 1:15). Adão foi criado à imagem de Deus; mas, depois, o pecado entrou no mundo e impregnou a natureza humana, de modo que o reflexo dessa imagem foi ofuscado. Então veio o segundo Adão – Cristo

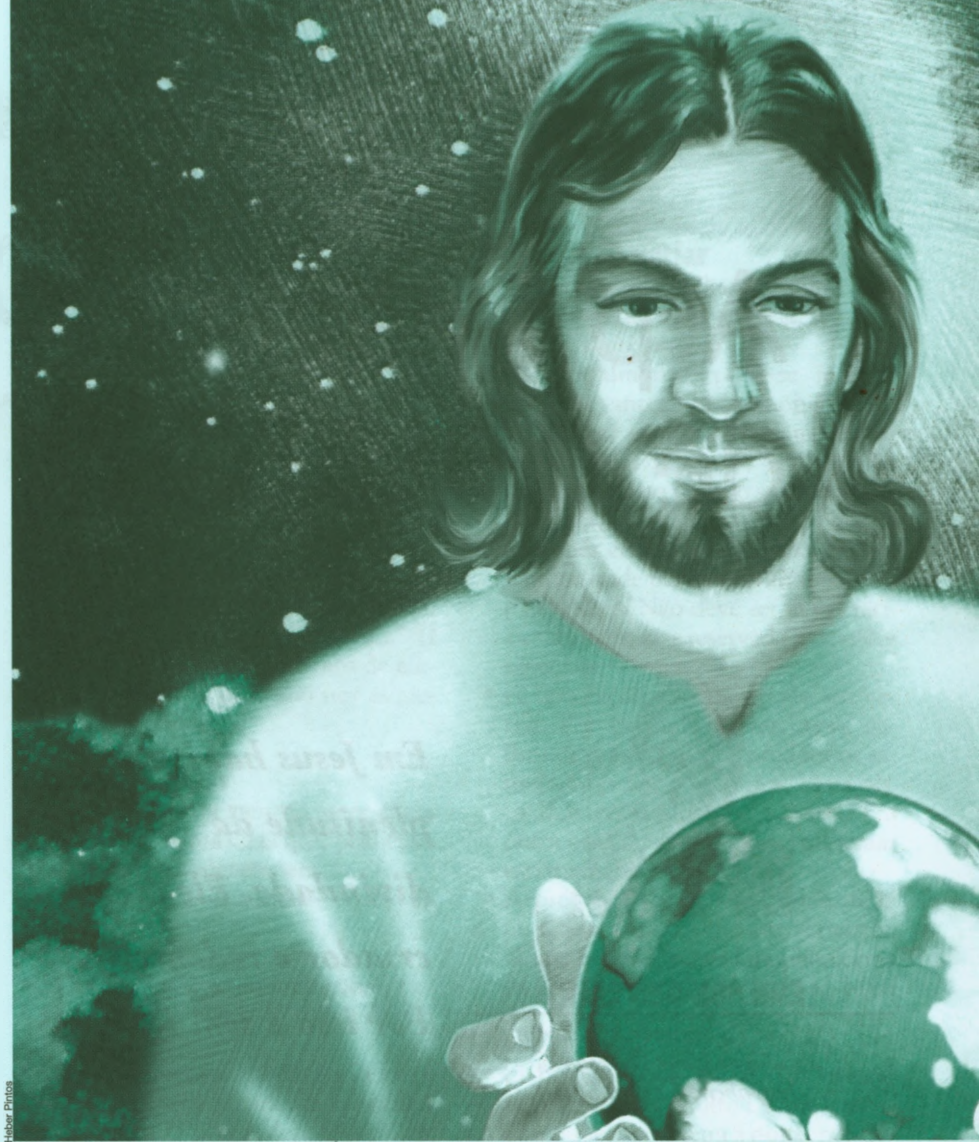
Jesus – a perfeita e exata imagem de Deus. Não uma cópia, mas o próprio original; pois Ele é “a expressão exata do Seu ser” (Heb. 1:3). Enquanto

que para os gnósticos Cristo era apenas um dentre os muitos seres espirituais, ou emanações, que serviam de intermediários entre Deus e os homens, para Paulo, Jesus é a

manifestação de Deus, a mais completa e perfeita revelação do Pai, o único que pode tornar Deus visível para os homens. Ele disse: “Quem Me vê a Mim vê o Pai” (João 14:9).

Em Jesus Cristo reside a plenitude de Deus (Col. 1:19; 2:9). No pensamento gnóstico a plenitude da divindade era a soma de todas as emanações e todos os seres espirituais que ficavam entre Deus e o mundo material,¹⁴ mas Paulo declara que unicamente em Cristo, encontra-se toda a plenitude de Deus. E, se isso é verdade, então Ele é eterno, onipotente, onisciente e oni-

“Nada há do caráter ou dos atributos de Deus que não esteja em Cristo.”



presente. Enfim, “nada há do caráter ou dos atributos de Deus que não esteja em Cristo”¹⁵ e nada então Lhe pode ser acrescentado.

O texto se refere ao “reino do Filho” (Col. 1:13); portanto, Cristo é rei. Enquanto vivemos no tempo da graça, Seu reino entre nós é espiritual e abrange todos aqueles que O aceitarem como Salvador e Senhor. Mas, quando o plano da salvação se concretizar, Seu reino será visível e glorioso, e abará todas as coisas e todas as criaturas em todo o Universo.

Senhor da criação

Jesus Cristo é o primogênito da criação (v. 15). Isso “não significa... que Cristo é parte da criação, o primeiro ser que Deus criou. O pensamento de Paulo é exatamente o oposto: seu objetivo é mostrar que Cristo não é um dos muitos intermediários que supostamente Deus tinha criado e colocado entre Si próprio e o homem, porque não so-

mente Cristo não foi criado, mas Ele é mesmo o Criador”.¹⁶

Nas Escrituras Sagradas, a expressão “primogênito” algumas vezes denota posição. Quando Deus queria demonstrar que alguém era especialmente honrado aos Seus olhos, Ele o chamava de primogênito. Por isso Ele chama Israel de primogênito (Êxo. 4:22) e também Davi (Sal. 89:20 e 27), embora este fosse o oitavo filho de Jessé (I Sam. 16:10-13), mostrando o lugar de honra que possuíam diante dEle. É nesse sentido que a expressão é aqui empregada em relação a Cristo. Paulo queria dizer que Ele tem uma posição de honra sobre toda a criação; ou seja, Ele é o cabeça, o criador de todas as coisas. Colossenses 1:16 confirma isso ao declarar que o motivo pelo qual Jesus é assim chamado é que Ele é o criador de todas as coisas.

Tudo foi criado por Ele. Segundo os



própria causa. Tem existência própria; não a deve a ninguém. Ele é o primeiro. A verdade é que tudo foi criado por Alguém que não foi criado por ninguém.

NEle tudo subsiste; nEle todas as coisas permanecem juntas. “NEle todas as coisas têm sua unidade e significado.”¹⁸ Ele não apenas criou o Universo; Ele o mantém. É o responsável por seu funcionamento. “Pois, nEle, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a Terra, as visíveis e as invisíveis... tudo foi criado por meio dEle e para Ele. Ele é antes de todas as coisas. NEle, tudo subsiste.” (Col. 1:16 e 17).

Senhor da Igreja

Cristo é o cabeça da Igreja. Uma das graves consequências da aceitação dos falsos ensinamentos em Colossos era não reconhecer a Cabeça (2:19). E Paulo enumera três razões pelas quais Cristo tem direito à autoridade suprema da Igreja: Sua ressurreição (“Ele é... o primogênito de entre os mortos”), o que é uma garantia de nossa própria ressurreição; Sua divindade (Col. 1:19; 2:9); e Sua obra redentora (porque Ele fez “a paz pelo sangue de Sua cruz”).

A Igreja é uma instituição fundada por Jesus com o objetivo de fazer discípulos, batizar e ensinar o que Cristo ordenou. Os líderes da Igreja não são sua cabeça; são membros do corpo. Não é um homem, nem são “alguns homens, nem mesmo os membros como um todo, que devem reger a Igreja”. Cristo é o chefe, o primeiro em posição, e deve continuar a ser o Cabeça de Sua Igreja. A estrutura de governo adotada por ela “só terá valor e significado na medida em que sirva e dê expressão à autoridade de seu Senhor”.¹⁹

“Nós não temos autoridade de fazer regulamentos quer individual quer coletivamente. A nossa missão como membros do corpo é discernir a vontade de Cristo, Sua Cabeça, quer a Sua vontade nos seduza ou não, quer aumente ou reduza os nossos números, quer nos torne populares ou impopulares, quer nos traga o louvor ou o desprezo dos homens.”²⁰

O fato de Ele ser a Cabeça da Igreja significa que é também a Cabeça de cada cristão. Portanto devemos Lhe prestar uma obediência individual. Somente quando isso acontece é que a unidade do corpo se torna uma realidade.²¹

Jesus é o primogênito de entre os

mortos. Mais uma vez a palavra primogênito é usada no sentido de posição e não de ordem; pois é evidente que Ele não foi o primeiro a ressuscitar dentre os mortos. Contudo, é o vencedor da morte, por meio de quem todos os fiéis que passarem pela morte viverão. Ele declarou: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em Mim, ainda que morra, viverá” (João 11:25). Ao idoso João, em Patmos, disse: “Não tenha medo. Eu sou o primeiro e o último. Eu sou Aquele que vive. Estive morto, mas agora estou vivo para todo o sempre. Tenho autoridade sobre a morte e sobre o mundo dos mortos” (Apoc. 1:17 e 18, BLH).

Como Cristo foi chamado de o primogênito da criação porque deu origem à criação natural, agora é chamado de primogênito dos mortos porque através dEle tem início uma nova criação. “Ele é o princípio” dessa nova criação assim como fora o princípio da antiga. E isso devido à Sua ressurreição dentre os mortos.

Ele nos libertou do império das trevas, ou seja, o estado de separação de Deus e ignorância espiritual em que o homem é escravo do pecado e do mal. Estado no qual uma força irresistível o arrasta para um abismo sem qualquer significado. É a condição de cegueira, ódio e miséria em que

vivem os súditos do maligno. “Sua mentalidade, sua ética, seus ideais, tudo está em oposição a Deus.”²² Mas a luz brilhou nas trevas. Jesus veio a este mundo de trevas e o iluminou com a fulgurante luz de Sua presença e nos libertou, pagando o preço do resgate. Por isso nEle “temos a redenção, a remissão dos pecados” (v. 14). Também nos transportou para o Seu reino (v. 13). Deixamos de ser escravos de um terrível tirano e fomos transportados para outro reino no qual, pela experiência do novo nascimento, passamos a fazer parte da fa-

Cristo é o Cabeça da Igreja. Nosso papel é fazer a Sua vontade, quer isso nos traga o louvor ou o desprezo dos homens.

gnósticos, existiam várias ordens de poderes angélicos os quais eram responsáveis pela criação material. Mas Paulo declara que todas as coisas visíveis como também aquelas invisíveis, na Terra e nos céus, foram criadas por Cristo, até mesmo todas as ordens de seres espirituais: tronos, soberanias, principados e potestades. Tudo foi criado para Ele, “para cumprir os Seus desejos, servir ao Seu propósito e promover a Sua glória”.¹⁷ Tudo Lhe pertence. Ele é o Senhor da criação.

Jesus é antes de tudo. Cada coisa criada depende de algo anterior a ela mesma para a sua existência, mas não Cristo. Ele é antes de todas as coisas, auto-existente, não dependendo de nada e de ninguém. A Bíblia nos diz que Cristo é eterno, que Ele não teve princípio; Ele é o próprio começo. Eis Suas palavras: “Eu sou o alfa... o primeiro... o princípio” (Apoc. 22:13).

Tudo o que existe possui uma causa anterior. Não assim com Jesus. Ele é a

mília real e nos tornamos herdeiros do Rei.

Cristo Jesus é o reconciliador. Outra ilustração usada pelo apóstolo é a de que éramos estranhos para Deus e, mais do que isso, éramos Seus inimigos, tanto em nossos pensamentos como em nossa conduta. Todavia, Cristo, mediante Sua morte, nos reconciliou com Deus. Agora somos amigos de Deus; estamos em paz com Ele.

Para os gnósticos, o corpo era a sede do mal. Raciocinavam que Deus, em Sua pureza, jamais Se aproximaria da humanidade pecadora. Antes, utilizaria anjos desencarnados para atuarem na reconciliação. Todavia, Paulo assevera que o próprio Deus Se tornou um de nós e nos “reconciliou no corpo da Sua carne”.²³ Também é verdade que Sua vinda em carne e sangue enobrecer o corpo humano, tornando-o um templo para a habitação de Deus.

O texto aponta a fonte, o alcance e as bênçãos da reconciliação. A fonte é a cruz de Cristo. A cruz é a iniciativa de Deus para nos atrair a Si. Ali se revelam o poder, a santidade, a justiça e o amor de Deus. A cruz ocupa o lugar central no plano da salvação.

O alcance da salvação abrange todas as coisas no Universo. Um dia o Universo foi perfeito, mas o pecado quebrou a harmonia existente em toda a criação. “Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suspira angústias até agora” (Rom. 8:22). Contudo, Cristo fará voltar a completa harmonia em todas as obras de Deus. Reconciliará consigo mesmo todas as coisas no céu e na Terra.

Mesmo os seres celestiais que não pecaram são beneficiados pela obra reconciliadora efetuada por Cristo, no sentido de que obtiveram uma visão muito mais nítida do amor e da sabedoria de Deus (Efés. 3:10), o que os aproximou ainda mais de seu criador.²⁴ Devemos lembrar que foi somente após Cristo derrotar a Satanás na cruz que os habitantes do Céu puderam festejar, pois as ações do inimigo ficariam, dali em diante, confinadas a este mundo (Apoc. 12:10-12).

Tal reconciliação provê abundantes bênçãos para nós. A primeira delas é a paz com Deus. O pecador reconciliado sabe que foi perdoado e recebido como filho de Deus, e tem prazer em viver em Sua presença. A paz com Deus que o

leva a ter paz consigo mesmo e a viver em paz com o seu semelhante. Outra grande bênção alcançada pela reconciliação é a transformação do caráter. Por causa do sacrifício de Cristo na cruz, Deus nos considera e nos torna “santos, inculpáveis e irrepreensíveis” (v. 22), ou seja, livres de manchas, defeitos e acusações.

Esperança e herança

Entre a reconciliação passada e a perfeição futura encontra-se a obra de Deus transformando a nossa vida e tornando-a mais e mais semelhante à de Cristo, o que não ocorrerá sem a nossa cooperação. O apóstolo apela no sentido de que permaneçamos “alicerçados e firmes” (v. 23). Essas são figuras emprestadas da construção.

O primeiro alicerce é a fé. Permanecer na fé garante a nossa vitória. Ela é o alicerce da vida espiritual. Devemos cuidar para não sermos enredados pelas novas versões do cristianismo. O segredo é o apego ao “evangelho que ouvistes”, a lealdade às nossas origens espirituais. Não devemos nos impressionar com os que recuam ou apostam, pois nós “não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma” (Heb. 10:39).

O segundo alicerce é a esperança do Evangelho. No verso cinco, Paulo fala “da esperança que vos está preservada nos Céus” e, no verso 12, referir-se à “herança dos santos na luz”. Essa esperança é a volta de Cristo ao mundo, com tudo aquilo que vamos receber a partir de então.

A salvação que Deus providenciou para nós é muito mais do que perdão e libertação do pecado. Envolve todas as riquezas de uma herança infinita, eterna e incomparável: uma vida sem tristezas, dores e decepções, num Universo completamente isento do mal; uma vida tão longa que se medirá com a vida de Deus.

Foi Deus quem nos tornou Seus filhos e, agora, nos está capacitando para participarmos um dia, alegremente, da herança celestial. “Graças ao Pai, que vos fez idôneos à parte que vos cabe da herança dos santos na luz” (v. 12). Somos filhos de Deus e assim temos deveres e obrigações. Mas, por isso mesmo, também temos privilégios. Somos Seus herdeiros e quando Cristo voltar receberemos nossa herança.

Paulo encerra seu apelo lembrando que o evangelho por ele anunciado não é uma doutrina exclusiva, que pode ser conhecida apenas por uns poucos, como o eram os ensinamentos gnósticos,²⁵ antes, tem um objetivo e alcance universais. Por isso “foi pregado a toda a criatura debaixo do Céu” (v. 23). Também não era invenção sua, porque era mais antigo do que ele. Na verdade, ele próprio era ministro, ou seja, um servo deste evangelho.²⁶

Sendo Cristo o que é, em relação à divindade, à Igreja e ao Universo, como pode alguém querer fazer modificações ou acréscimos à salvação efetuada por Ele? Seria como sair ao ar livre em pleno meio-dia, debaixo de um céu sem nuvens, e erguer uma desprezível vela na intenção de ajudar o glorioso sol a brilhar.²⁷ Nele habita a plenitude da divindade e tanto a criação como a redenção são obras Suas. Por isso Ele é sem igual.

Se Ele é Deus, o Senhor da criação, o dono do Universo e o Cabeça da Igreja, nossa vida está em Suas mãos. Nada temos a recear. Nele temos vida plena e não precisamos de suplementos gnósticos ou de qualquer outra espécie. Cristo deve ser o primeiro em nossa vida. ✓

Referências:

1. Silas Alves Falcão, *Meditações em Colossenses* (Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1956), págs. 14 e 15.
2. *Ibidem*, pág. 38.
3. Guy Appéré, *O Mistério de Cristo* (Essex: Edições Peregrino, 1990), pág. 11.
4. J. Sidlow Baxter, *Examinai as Escrituras*, 2a. ed. (São Paulo: Vida Nova, 1995), vol. 6, pág. 214.
5. Silas Alves Falcão, *Op. Cit.*, pág. 14.
6. R. N. Champlin e J. M. Bentes, “Colossenses”, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, 1995, vol. 1, pág. 791.
7. *Ibidem*, pág. 790.
8. R. N. Champlin e J. M. Bentes, *Op. Cit.*, pág. 791.
9. Silas Alves Falcão, *Op. Cit.*, pág. 11.
10. J. Sidlow Baxter, *Op. Cit.*, pág. 215.
11. R. N. Champlin e J. M. Bentes, *Ibidem*.
12. *Idem*, pág. 790.
13. *Idem*, págs. 786, 787 e 793.
14. Clifton J. Allen, editor, *Comentário Bíblico Broadman* (Rio de Janeiro: Juerg, 1985), vol. 11, pág. 277.
15. *Bíblia de Estudo Vida* (São Paulo: Vida, 1999), nota sobre Colossenses 1:19.
16. Guy Appéré, *Op. Cit.*, pág. 41.
17. Clifton J. Allen, *Op. Cit.*, pág. 276.
18. E. F. Scott, citado em Allen, *Op. Cit.*, pág. 276.
19. Guy Appéré, *Op. Cit.*, pág. 49.
20. *Idem*, págs. 46 e 47.
21. *Idem*, pág. 47.
22. Silas Alves Falcão, *Op. Cit.*, pág. 33.
23. Clifton J. Allen, *Op. Cit.*, pág. 280.
24. R. Jamieson, A. R. Fausset e D. Brown, *Comentário Exegético y Explicativo de la Bíblia*, 8ª ed. (S.I.: Casa Bautista de Publicaciones, 1981), vol. 2, pág. 514.
25. Clifton J. Allen, *Op. Cit.*, pág. 281.
26. *Ibidem*.
27. J. Sidlow Baxter, *Op. Cit.*, pág. 220.

CONFLITOS na igreja



H. JACK MORRIS

*D.Min., pastor de igreja em
Mitchellville, Maryland,
Estados Unidos*

Conflitos e divisões destroem a fé e minam a influência do testemunho cristão na comunidade. Algumas igrejas com uma grande história de evangelismo e crescimento têm sido esfaceladas por dissensões e facções, sendo hoje apenas uma sombra do que foram no passado.

O potencial para um conflito existe onde duas ou mais pessoas estão presentes. E a igreja é composta de pessoas. Com frequência, as pessoas experimentam conflito como resultado de idéias e opiniões divergentes, ambições e alvos contrários, preocupações e necessidades variadas. O potencial para o conflito nunca deixará de existir. Ele está sempre à espreita, pronto para romper relacionamentos, dividir, confundir e destruir tudo o que é sagrado.

A igreja sempre deve estar preparada para tornar-se ativamente envolvida no ministério da reconciliação. Somos uma nova criação, uma comunidade de amor, vivendo em resposta à oração de Jesus: "Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer

Todos os fatos e idéias geradores de controvérsia em uma congregação devem ser examinados à luz do que representam ou como se relacionam com a missão da Igreja

em Mim... a fim de que todos sejam um..." (João 17:20 e 21). Somos um povo profético, capacitado pelo Espírito Santo a proclamar pela palavra, ação e pelo exemplo a mensagem redentiva e reconciliadora de Cristo.

Para que um agrupamento de pessoas possa ser chamado de igreja, deve ser um reflexo da primeira assembléia reunida no cenáculo, onde houve oração, companheirismo e unidade.

Conflito e pessoas

Nenhum conflito é necessariamente mau. O conflito que é administrado, discutido, tratado e resolvido pode ser bom. Esse tipo de conflito provê oportunidade para crescimento e mudança criativa. Por outro lado, o conflito que é ignorado e deixado ao léu pode destruir a unidade, atrapalhar o crescimento e produzir um ministério ineficiente.

O apóstolo Tiago dá alguns indicadores dos tipos de personalidade que são especialistas em agitar e participar de conflitos numa congregação. Inicialmente, ele faz uma pergunta retórica: "De onde procedem guerras e contendas que há entre vós?" (Tia. 4:1). Em seguida, responde informando-nos que os conflitos na igreja são causados pelos seguintes tipos:

Pessoas egoístas. Tiago aponta a autocentralização como uma fonte originadora dos conflitos numa congregação.

Ele se refere aos "prazeres que militam na vossa carne" (v. 1); usa expressões tais como "cobiçais"; "matais e invejais" (v. 2); "pedis mal"; "para esbanjardes em vossos prazeres" (v. 3). Em todas essas afirmações está implícito o "eu". Os conflitos ocorrem quando alguém coloca suas idéias, seus pensamentos e motivos pessoais acima daquilo que é melhor para toda a congregação.

Pessoas iradas. A marca registrada de uma igreja e seu mais perfeito método de ministrar ao mundo é o amor. No entanto, Tiago fala-nos que os cristãos podem matar (figurativamente falando) uns aos outros com o ódio. Quando um cristão manifesta uma atitude odiosa em relação a outro irmão de fé pode estar direcionando mal a sua ira. A psicologia usa o termo técnico "transferência", quando se refere a esse direcionamento errôneo das emoções.

A transferência ocorre quando uma pessoa está irada com alguém ou com alguma coisa, mas expressa essa ira em outra pessoa ou parte. Por exemplo, uma esposa pode ter bloqueado seus sentimentos de ira em relação ao esposo, mas inconscientemente os transfere para o pastor ou alguma outra pessoa na igreja. Usualmente, o pastor e a igreja são tidos como alvos seguros para os sentimentos de ira, porque oferecem pouca ou nenhuma possibilidade de retaliação. Muitos dos conflitos de uma igreja são resul-

tado de alguma pessoa irada procurando alguém para desabafar.

Pessoas com problemas emocionais. A experiência da salvação não significa necessariamente solução instantânea de todos os problemas sentimentais e físicos. Os pecados são perdoados, mas a condição física permanece a mesma de antes. O mesmo acontece com as desordens mentais e emocionais. Depressão, ansiedade e temores às vezes persistem ao lado de outros problemas associados com uma saúde mental e emocional deficiente.

Envolvimento congregacional

Não existem estereótipos para nos ajudar a prever a espécie ou o tipo de igreja que tem potencial para o conflito. Qualquer igreja, de qualquer tamanho, apresenta esse potencial. Igrejas que estão em fase de crescimento por causa de seus ministérios estratégicos de evangelismo, cuidado pastoral e discipulado têm sido vitimadas com turbulência interior e conflito.

Por outro lado, igrejas menores, sem visão de crescimento, algumas vezes tornam-se apáticas e enfadonhas com o *status quo*. Como resultado, os membros se voltam para si mesmos e começam a fustigar-se mutuamente.

Tão logo um conflito estoure, deveria ser feito todo esforço para resolvê-lo imediatamente. Quando isso acontece em espírito de submissão e amor, os crentes serão unificados e a missão da igreja será novamente focalizada e retomada com ânimo redobrado. Qualquer conflito pode se tornar uma experiência positiva, quando resolvido e ao capitalizarmos sobre a oportunidade que oferece para crescimento. Os resultados serão maiores que o esforço envidado na busca de solução: unidade entre os crentes e foco missionário renovado.

O caminho da solução

As seguintes sugestões podem ajudar a administrar e resolver os conflitos.

Reconheça que o conflito está em sua fase inicial. Procrastinar e evitar o

enfrentamento podem ser atitudes desastrosas. Com o passar do tempo, o conflito tende a crescer e se espalhar. Esperar que ele se resolva ou dilua por si mesmo é a mesma coisa que aguardar um câncer curar-se sozinho. Conflitos não tratados são como câncer não tratado: inevitavelmente espalham destruição. De maneira calma, mas franca e direta, devemos admitir a existência do conflito, identificar suas nuances e reconhecer as pessoas envolvidas.

Escolha um gerente. O gerenciador do problema deve ser uma pessoa espiritualmente amadurecida, bem aceita pelas partes envolvidas. Não deve tomar partido, mas deve agir com neutralidade com respeito às várias facetas do problema e seu desfecho. Primeiramente a

pessoa escolhida deve estar preocupada e assumir a responsabilidade de conduzir o processo e as dinâmicas da disputa para uma solução satisfatória. Funcionará mais como o moderador ou presidente de qualquer comissão, agindo com lealdade, transparência, honestidade e isenção.

Escolha um secretário.

Um secretário capaz e espiritualmente amadurecido pode ser escolhido para relatar minuciosamente os procedimentos e conversações, à medida que o processo caminha para a solução final.

Reúna informações. O gerenciador e o secretário devem entrevistar todas as pessoas envolvidas na questão, num esforço para conseguir informações relevantes. Em local, hora e data convenientes, as pessoas podem se encontrar para ouvir e relatar sua visão ao assunto e suas preocupações.

Esse encontro não é uma ocasião para argumentações e disputas sobre o problema. Ao contrário, é oportunidade para ouvir e coletar informações.

Programa a próxima reunião. Cumpridos os passos anteriores, com todas as informações em mãos, marque uma data, um local e horário para que os envolvidos na disputa estejam juntos e conversem sobre o problema. Cada pes-

soa deve ser contactada e concordar com o planejamento feito. Esse procedimento permitirá que todos se sintam significativos e respeitados, com algum domínio sobre o processo.

A reunião. Quando todos estiverem presentes, o moderador deve iniciar a reunião com algumas palavras de boas-vindas, oração pedindo a presença de Cristo e a direção do Seu Espírito. Também deve estabelecer o propósito do encontro, ao mesmo tempo que dá um breve histórico dos eventos que o motivaram.

Em seguida, descreve os procedimentos que serão seguidos, tais como indicar quem, quando e quanto falará. Poderão ser permitidos apartes, apenas se a pessoa que estiver falando desviar do assunto, descumprir o que foi acertado antes ou passar do tempo previsto. A pessoa que originalmente expressou idéias que geraram o conflito, ou que seja diretamente responsável pelo seu surgimento, será a primeira a falar. Depois, todos os outros envolvidos terão oportunidade de se expressar.

O grande objetivo

Assim que todos tiverem falado, o moderador deve tomar o primeiro passo para a solução, lendo a declaração de missão da igreja local ou o propósito da existência da comunidade. Todo fato e idéia que pareçam contribuir para o conflito devem ser examinados à luz de como se relacionam ou do que representam para o cumprimento da declaração de missão. Nesse contexto, deve ser buscado um consenso que possa ajudar a resolver o conflito.

As reuniões subseqüentes podem ser necessárias para focalizar sobre quaisquer áreas remanescentes de discórdia, usando o mesmo procedimento geral para a solução de conflitos. O fundamento da missão deve ser a estrela polar que dirige a igreja em seu testemunho e ministério em favor de Cristo.

Qualquer conflito existente em uma igreja pode ser administrado e resolvido com um bom desfecho. Foi quando a igreja estava unida no cenáculo que recebeu o fogo do Espírito Santo. Essa experiência a conduziu em um poderoso e convincente testemunho da sua fé. Jesus disse: "...edificarei a Minha Igreja..." (Mat. 16:18), e orou "a fim de que todos sejam um... ó Pai, ... para que o mundo creia que Tu Me enviaste" (João 17:21). ✓

SECULARISMO ontem e hoje



Divulgação

MARK FINLEY

*Diretor e orador do programa de TV
Está Escrito, Simi Valley, Califórnia,
Estados Unidos*

O mundo ocidental secular representa um formidável desafio para o evangelismo. Está se tornando cada vez mais difícil atrair grandes multidões para ouvir a mensagem do evangelho. Métodos que uma vez funcionaram já não são muito efetivos. Essa situação nos coloca diante de uma grande questão: Como podemos alcançar a mente secular com nossa mensagem?

O desafio do secularismo não é exclusivo do nosso tempo e cultura como muitos dentre nós pensamos. O primeiro século revela características surpreendentemente comuns à cultura secular e humanista dos dias atuais. É tranquilizador poder observar que muitas sociedades contemporâneas são muito similares àquela cultura na qual a Igreja cristã primitiva conseguiu grande sucesso ao proclamar o evangelho.

Em seu livro *Caesar and Christ (César e Cristo)*, Will Durant afirma que no primeiro século a prostituição floresceu,

O poder do Espírito Santo é maior que todas as forças opostas ao evangelho, existentes no mundo. Repleta desse poder, a última geração de crentes viverá um novo Pentecostes. Milhares se converterão

a prática do aborto era lugar comum e a homossexualidade era extravagante. Aquela sociedade estava saturada com desejo de prazer físico. Nos superlotados teatros eram deificados atores e atrizes favoritos das multidões. As estrelas do palco tornaram-se os ídolos da sociedade. Cantores e dançarinos, aos milhares, entretinham as multidões. Corridas de cavalo e outros eventos esportivos entorpeciam as massas.

A população romana em geral considerava a vida humana com assombrosa indiferença. Quando Tito dedicou o templo, como parte da cerimônia, ele reencenou uma importante batalha, na qual milhares foram realmente mortos simplesmente para distrair a multidão. As posses materiais tornaram-se o deus de muitas pessoas. Apesar disso, mesmo nesse mundo hedonístico, materialista, humanista e secular, o evangelho de Cristo fez incursões massivas, pelo poder do Espírito Santo.

Atos do Espírito

O livro de Atos é uma vívida crônica sobre a penetração do poder do Espírito na sociedade secular. Em Atos 1:8, Jesus prometeu: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e

sereis Minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da Terra.”

Em Atos 2:41, a Escritura descreve os efeitos da pregação cheia do Espírito satisfazendo as necessidades dos corações secularistas. Três mil foram batizados em um dia. “Então, os que lhe aceitaram a palavra foram batizados; havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas.” Em Atos 4:4, o relato bíblico lembra que “muitos, porém, dos que ouviram a palavra a aceitaram, subindo o número de homens a quase cinco mil”. Atos 6 discute o rápido crescimento da Igreja e a reorganização para facilitar a continuidade desse crescimento. “Muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé” (v. 7).

Atos 8 revela o crescimento transcultural. Filipe, cheio do Espírito, toca o coração de um eunuco etíope, e Deus abre as portas do continente africano. Em Atos 10 e 11 o crescimento transcultural continua, quando Pedro alcança Cornélio. E, quase ao mesmo tempo, uma outra porta se abre para o evangelho em Roma. Atos 20 aponta que os discípulos foram tão compelidos pelo Espírito que (v. 20) eles “ensinavam publicamente e de casa em casa”.

Chaves do sucesso

Uma breve olhada nos fatores que contribuíram para espalhar o evangelho nos possibilita ver as razões do seu incrível sucesso. Os próprios discípulos foram levados a experimentar genuíno arrependimento, um reavivamento espiritual e uma correspondente reforma. Eles tinham um propósito unificado e um único objetivo em mente: ganhar almas. E estavam constantemente despidos para a necessidade de oração intercessória.

O Espírito Santo ampliou o pensamento dos discípulos habilitando-os a aproveitar as possibilidades do evangelismo transcultural. Pregaram a palavra em ambientes públicos e privados, e seu ministério foi acompanhado por sinais sobrenaturais, maravilhas e milagres. Creram que Deus os tinha chamado para proclamar Sua mensagem em qualquer lugar, e nenhum poder terrestre ou do inferno os poderia deter.

Os dias atuais

Sem a ajuda do Espírito Santo, nossas tentativas de fazer novos conversos serão infrutíferas. Mas ao mesmo tempo em que podemos orar, testemunhar e ministrar sob Sua direção, precisamos compreender o contexto intelectual das pessoas a quem procuramos conquistar para Cristo. Precisamos compreender algumas das hipóteses subjacentes que permeiam o mundo secular, antes de tentar mudá-lo. Inquestionavelmente a evolução darwiniana e os conceitos dela decorrentes têm impregnado todos os aspectos da vida atual.

A visão evolucionista rejeita totalmente o pensamento de que somos criados por um Deus infinito, pessoal e cuidadoso. Uma compreensão confusa das origens leva o ser humano a mergulhar em águas sombrias quando ele busca o significado da vida. Tal visão nos diz que se não somos mais que animais evoluídos, não valem muito. Em tal sociedade saturada com modelos de pensamento evolucionista, não surpreende que a auto-estima das pessoas ande em baixa. Como a existência humana pode ter algum significado, se estamos aqui devido a mero acidente?

Tem o adventismo alguma mensa-

gem para os milhares que têm bebido desse tipo de mundivisão? Certamente possui. Os adventistas do sétimo dia crêem que nosso mundo foi criado por Deus. Compreendemos que a ordem e o planejamento no Universo indicam a existência de um Criador. Cremos que a casualidade é incapaz de explicar o fenômeno complexo do Universo. Além disso, afirmamos que a vida inteligente e pessoal no planeta Terra tal como ela se manifesta em si mesma, não poderia ser produzida por algo desinteligente e impessoal. Portanto, cremos que este mundo foi feito por um Deus que é, Ele mesmo, o ideal de inteligência, a essência do amor e o gran-



Jude Luiz Cardoso

dioso projetista; um Deus que é infinito e, todavia, pessoal.

O que dizem esses fatos a homens e mulheres desanimados e sem esperança? Tudo isso nos diz que possuímos algum valor, porque fomos criados por esse Deus. A fé cristã não é apenas um sistema de valores éticos e filosofia moral. É a mensagem de um Criador amoroso que valoriza imensamente os seres que Ele criou. Valoriza-os tanto que, quando eles pecaram, Ele não suportou o pensamento de perdê-los. Resgatou-os dando a Si mesmo em um sacrifício de amor na cruz do Calvário. Essa é uma mensagem universal que fala às necessidades contemporâneas com crescente relevância.

Acrescentando a isso nossa inspiradora e esperançosa doutrina do segundo advento, podemos bradar a um mundo desesperado: existe esperança! Cristo está voltando em breve para dar fim à tristeza, ao sofrimento, às enfermidades e ao pecado. A morte logo se renderá a um novo amanhã. A mensagem do adventismo não é relevante apenas para uma sociedade agrária vivendo no século 19. Ela fala às necessidades do mundo moderno. Responde às questões básicas da vida: Quem sou? De onde vim? Para onde vou?

Formas de abordagem

Quais são, então, algumas formas pelas quais podemos nos aproximar da mentalidade secularista?

Para começar, devemos ter em mente que somente pessoas conquistam pessoas. Indivíduos de mentalidade secularista não são conquistados por programas, mas por outros indivíduos que desenvolvam um relacionamento interpessoal com eles. Os seres humanos respondem à bondade. A amizade genuína quebra preconceitos. Não conseguiremos ganhar pessoas para Cristo tentando argumentar contra elas. Todo ser humano tem necessidades que o levam a buscar alguma fonte de ajuda. Melhor saúde, redução de estresse, casamento feliz, perdão e libertação do sentimento de culpa, amizade e satisfação profissional são algumas necessidades comuns a todos nós.

Segundo uma pesquisa feita por uma instituição religiosa norte-americana, os secularistas têm

quatro atitudes negativas básicas em relação à Igreja. Em primeiro lugar, dizem, a Igreja é muito materialista. Tornou-se um grande negócio, no qual o dinheiro é mais importante do que o amor. As Igrejas são muito parecidas a sociedades anônimas. Em segundo lugar, para os secularistas, a Igreja tornou-se muito poderosa. Com isso, tenta controlar o pensamento, tolher a liberdade de expressão, e manipula a mente das pessoas dizendo-lhes como devem viver.

Em terceiro lugar, a Igreja é hipócrita. Há uma discrepância entre palavras e atitudes, dizem os secularistas. Ela se parece mais a um clube social e eles não querem se tornar seus sócios. Fi-

nalmente, em quarto lugar, eles crêem que a Igreja não é relevante, não acompanhou as mudanças do mundo.

É interessante notar, entretanto, que a mesma pesquisa indica que muitos secularistas considerariam a possibilidade de frequentar uma igreja, se pudessem discutir abertamente suas dúvidas religiosas, se pudessem encontrar uma igreja que estivesse seriamente preocupada em trabalhar para o melhoramento da sociedade, ou na qual existisse um tipo de proclamação espiritual que falasse às suas necessidades interiores e lhes oferecesse um programa de educação religiosa sólido, que implantasse valores morais em seus filhos.

Os métodos de Cristo

Quando Jesus falava às pessoas, Ele procurava alcançá-las onde elas se encontravam. Iniciava o contato ministrando às suas necessidades reais. Em João 1:38, Ele notou dois homens que O seguiam, e perguntou-lhes: “Que buscais?” Ainda hoje Ele continua fazendo a cada indivíduo essa mesma interrogação: “O que você está buscando?” “Qual é a sua necessidade mais profunda?”

Com isso, Ele vê a grande necessidade de uma pessoa e Se dispõe a satisfazê-la. Nas bodas de Caná (João 2), o anfitrião da festa enfrentou uma situação socialmente embaraçosa quando faltou o vinho. Jesus resolveu o problema transformando a água em vinho. Em João 3, Nicodemos O procurou levando suas profundas necessidades espirituais. A religião formal não estava satisfazendo o seu coração, e Jesus satisfaz seus anseios mostrando-lhe a necessidade de um novo nascimento espiritual.

A mulher junto ao poço (João 4) tinha necessidades emocionais e espirituais específicas. O homem junto ao tanque de Betesda e a multidão faminta, em João 5 e 6, tinham necessidades físicas de saúde e alimentação. Jesus as preencheu e, assim, quebrou temores e preconceitos. Ruíram as barreiras da oposição, corações e mentes foram abertos ao evangelho.

A Igreja é o povo de Deus equipado para servir e satisfazer necessidades em toda parte, no nome de Jesus. Quando os membros da Igreja olham para fora de si mesmos e alcançam homens e mulheres na sociedade secularizada, amigos, vizinhos e colegas de trabalho,

os corações realmente se enternecem. A sincera demonstração de interesse por outros é um método evangelístico divinamente inspirado. Sempre que for utilizado, haverá uma explosão de interesse na verdade bíblica.

Considerando que a mente secularizada está buscando algo que seja real, em oposição ao que é artificial, ela será atraída para o cristianismo autêntico demonstrado na vida dos crentes. Ninguém pode argumentar contra o que Cristo fez por nós pessoalmente. Se Ele faz diferença em nossa vida, a genuinidade dessa experiência tocará corações. Partilhar o evangelho de Cristo de maneira amorosa e saudável desarma os espíritos; ganha corações; transforma vidas. A cruz é o mais forte argumento em favor do cristianismo.

Tenho visto o Espírito Santo quebrar os mais duros corações humanistas através da simples apresentação do plano da salvação. Uma atitude polêmica evoca o espírito de debate. Argumentos intelectuais encontram resistência na mente cética. A mensagem da graça de Deus enternece corações.

Diversidade de métodos

Nenhuma forma de abordagem evangelística é singularmente designada para alcançar todos os indivíduos. Cada pessoa responde melhor a uma aproximação diferente. Os secularistas acham que a Bíblia carece de substância intelectual e não confiam em sua integridade. Então, apresentar algumas das grandes profecias da Bíblia como evidência de sua confiabilidade, pode ajudar. As profecias de Daniel são especialmente designadas por Deus para construir confiança na realidade escriturística.

Profecias do Antigo Testamento acerca de Jesus como o Messias são muito apelativas. Seu nascimento em Belém (Miq. 5:2), o nascimento virginal (Isa. 7:14), Sua linhagem familiar (Gên. 49:19), bem como os eventos relacionados com a crucifixação apontados em Zacarias 13, Salmo 22, e outras passagens, geram grande confiança entre as pessoas secularizadas, levando-as a compreender que Jesus é mais que um homem notável. Ele foi mais que um filósofo ético; é, realmente, o Filho de Deus.

A compreensão de algumas profecias a respeito do surgimento e queda

de impérios, conforme apresentadas no Antigo Testamento, é uma evidência convincente para algumas mentalidades secularizadas. Profecias como a do rei persa, Ciro, nomeado 150 anos do seu nascimento (Isa. 44:28; 45:1 e 2) ou a destruição de Tiro e Sidom (Eze. 26:1-4, 19-21) e a desolação do Egito (Eze. 19:1-9), estabelecem a confiança nas Escrituras como um documento divinamente inspirado.

Há muitas pessoas que acreditam ser a evolução um fato. Para elas, um crente nas Escrituras nega os assim chamados fatos científicos. Tais pessoas raciocinam da seguinte maneira: “Se o relato do Gênesis está errado, como posso confiar em qualquer outra porção das Escrituras? Se a raça humana está evoluindo para os mais altos estágios de progresso, por que necessito de um Salvador? O que produz a religião, além de neurose e culpa?”

Podemos nos aproximar de indivíduos com tal mentalidade a partir de uma perspectiva científica. As vezes alguns secularistas são confrontados com o pensamento de que a evolução é teoria e não fato. É preciso fé tanto para ser um evolucionista como um criacionista. Então comecem a pensar seriamente sobre a inviabilidade dos conceitos até então defendidos.

Vitória garantida

É desejo de Deus conquistar homens e mulheres perdidos. Ele quer salvá-los. E o poder do Espírito Santo é maior que todas as forças opostas ao evangelho, existentes no mundo. Cheia desse poder, equipados com as armas espirituais da oração, da Palavra e um genuíno amor pelos homens e mulheres, a última geração de crentes verá um novo Pentecostes nestes dias, e em medida mais abundante.

Milhares se converterão. A luz do evangelho iluminará os escuros rincões da Terra. Os bastiões cairão. A verdade penetrará os mais remotos lugares. Alguns dos mais duros corações serão abertos à mensagem de Cristo. Milhares de vozes proclamarão o evangelho eterno.

Pela palavra e pela vida do povo de Deus, através da página impressa, rádio, televisão e os mais modernos recursos eletrônicos, a Palavra de Deus será disseminada. A obra de Deus sobre a Terra triunfará de forma gloriosa. ✓

O estranho ATO de Deus



Divulgação

ROBERTO PINTO

Secretário ministerial da União Austral,
Buenos Aires, Argentina

Com o passar do tempo, dois conceitos errados se infiltraram nas interpretações teológicas. E eles são extremamente opostos e contraditórios.

O primeiro deles é que Deus nos castiga quando nossa conduta não é correta. O segundo conceito está no outro extremo. Sustenta que Deus é amor e, portanto, não pode castigar ninguém. O problema dessas duas crenças é que, no primeiro caso, Deus é apresentado como intolerante; e, no segundo, como permissivo. O certo é, porém, que, nenhuma das duas idéias, com suas possíveis variantes, reúne todas as condições para ser verdadeira.

Para completar o panorama de confusão, outras pessoas acreditam que o Deus do Antigo Testamento é duro, sádico e cruel. Em contrapartida, o Deus do Novo Testamento é amor, paciência e bondade. É conveniente que analisemos o maior juízo executivo que Deus realizou na história da humanidade, a

Não é Deus quem destrói, mas Ele não impede que as conseqüências do pecado sejam colhidas por aqueles que permitiram a sementeira do mal no coração

fim de podermos clarificar os dilemas apresentados até aqui.

Amor e justiça

Em primeiro lugar, devemos considerar que Deus é imutável em Seu caráter (Tia. 1:17). Se a Bíblia assegura que “Deus é amor” (I João 4:8), devemos aceitá-Lo dessa maneira, tanto no Antigo como no Novo Testamento. A origem do sofrimento, da dor e da morte sobre a Terra não está em Deus. O mau uso do livre-arbítrio trouxe como resultado a maldição que envolve o planeta (Isa. 24:5 e 6).

O profeta Isaías refere-se ao ato de castigar como estranho a Deus: “Porque o Senhor Se levantará, como no monte Perazim, e Se irará, como no vale de Gibeom, para realizar a Sua obra, a Sua obra estranha, e para executar o Seu ato, o Seu ato inaudito.” (Isa. 28:21).

Se Deus tivesse deixado o ser humano ao léu da sua própria sorte após haver transgredido, a raça humana já teria desaparecido há muito tempo. É Sua misericórdia que sustenta a vida e coloca limites ao mal (Lam. 3:22 e 23). Lembremo-nos de que o conflito iniciado no Céu foi transferido para a Terra, e que o princípio de sementeira e colheita sempre se cumpriu com exati-

ção matemática. Isso quer dizer que quem semeou maldade colherá seus resultados funestos. Deus não castiga a uns pelo pecado de outros (Eze. 18:20). Cada um recebe o que merece por suas obras (Jer. 17:10).

No relato bíblico é apresentado o juízo executivo de Deus sobre as cidades de Sodoma e Gomorra (Gên. 19:12 e 13). Quando Ló estava salvo, caíram do Céu fogo e enxofre destruindo a todos os moradores daquelas ímpias cidades (Gên. 19:23-25). Semelhantemente, quando as pragas estavam açoitando o Egito, em virtude da rebelião de Faraó, o povo de Israel estava livre delas (Gên. 8:22; 9:4 e 26; 10:23; 11:7).

Fazendo uma viagem profética, o Mestre vislumbra a destruição de Jerusalém e pede aos discípulos que orem para que a fuga da cidade não se dê no inverno ou no dia de repouso (Mat. 24:20). Isso significa que Deus os salvaria antes que o castigo chegasse à cidade (Mat. 24:15-18). Em todos esses casos, o princípio é o mesmo: antes de castigar, Deus protege Seus filhos.

Os dias de Noé

A maldade dos homens alcançara limites inimagináveis, levando-os ao pináculo da degradação (Gên. 6:5).

Pensemos por um momento na dor que Deus sentiu ao ver até onde a raça humana foi capaz de chegar (Gên. 6:6). A dor é uma indicação comovedora de que Deus não nutriu ódio pelo homem. Pelo contrário, o coração divino Se encheu de profundo pesar e compaixão. Apesar disso, o pecado da humanidade requer uma retribuição judicial (Jer. 18:6-10).

Noé “era homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos” (Gên. 6:9). Como devemos entender tal perfeição na vida de Noé? Porventura significa que ele alcançou um estado de impecabilidade? Essa declaração se refere à sua vida moral, piedosa, à constância de sua religião em um ambiente carregado de iniquidade. Noé fez conforme tudo o que Deus lhe ordenou (Gên. 7:5).

Mas não devemos nos esquecer que a imparcialidade das Escrituras se evidencia quando faz referência ao fato de Noé ter caído em tentação (Gên. 9:20 e 21). Na galeria de heróis da fé, ele também é incluído. Sua vida e suas palavras condenaram um mundo que se negou a ouvir e aceitar a mensagem de advertência e salvação (Heb. 11:7).

Um pacto solene

Podemos imaginar não ter sido fácil para Noé suportar a pressão da sociedade que o rodeava. Não podia duvidar da Palavra de Deus. Com esforço, preparou a arca para salvação de sua família e de todos aqueles que aceitassem a mensagem de advertência. Deu tudo o que tinha, investiu seus bens materiais, mas Deus o recompensou, posteriormente.

Finalmente, chegou o dia em que Noé junto com sua família saíram da arca. A paisagem era triste e desoladora; estavam sós em todo o planeta. Teriam que começar de novo; porém, antes de fazê-lo, Noé ergueu um altar ao Senhor (Gên. 8:20). Nesse culto, o patriarca manifestou gratidão e generosidade. Gratidão pela proteção recebida em meio à terrível catástrofe. Generosidade, ao oferecer em holocausto uma importante quantidade de animais.

Esse sacrifício realça a fé alimentada por Noé em um Salvador vindouro. A promessa que foi feita a Adão e Eva, no jardim do Éden (Gên. 3:15), continuava em vigência, numa demonstração de que houve uma verdadeira e fiel transmissão oral da esperança messiânica. O

ato de Deus providenciando vestes para nossos primeiros pais, com peles de animais, e o relato das ofertas oferecidas por Caim e Abel manifestam que todos deveriam estar familiarizados com a verdade de que “o salário do pecado é a morte”, e que haveria um “Cordeiro que tira o pecado do mundo”.

A resposta divina ao fervente culto de Noé foi não apenas a aceitação das ofertas, mas também a decisão divina de não voltar a destruir a Terra com um outro dilúvio (Gên. 8:21). Para dar a Noé e à sua família a segurança do prolongamento da raça humana e garantir que o dilúvio não se repetiria, Deus pôs o arco-íris no céu (Gên. 9:9-17). Agora havia um sinal visível do ponto final dos acontecimentos do dilúvio, resultantes do pecado, mas que também lembraria, através dos tempos, que as promessas de Deus não podem ser esquecidas ou mudadas (Gên. 9:16).



Dois mil anos atrás, as palavras de Jesus colocaram o selo de veracidade ao relato do dilúvio, relacionando-o com Sua segunda vinda (Mat. 24:37). Em alguns aspectos os dois acontecimentos têm grande semelhança.

Tal como nos dias anteriores ao dilúvio, Jesus nos fala hoje, convidando-nos a estar preparados (Mat. 24:42-51), despertos e com nossas lâmpadas acesas (Mat. 25:1-13), para que as trevas, o sono, o cansaço ou o descuido não roubem nossa espiritualidade. No futuro, aparecerá o sinal do Filho de Deus em glória e majestade. Da mesma forma

como no passado, as lamentações não modificarão a decisão divina sobre os que forem descuidados (Mat. 24:29).

A sociedade moderna, semelhante à sociedade antediluviana, está nos dois extremos de um pêndulo em movimento. Num extremo, vive como os animais, sem ter consciência de Deus. No outro extremo, vive na idolatria religiosa, sem levar em conta a Palavra de Deus. O convite de Cristo é que edifiquemos nossa vida sobre a rocha de Sua palavra (Mat. 7:24-28). Não é Deus quem destrói, mas Ele não impede que as nocivas consequências do pecado sejam colhidas por aqueles que permitiram a semeadura do mal em seu coração.

Jesus Cristo não poderia ter sido mais claro para descrever a sociedade anterior ao Seu regresso à Terra: “E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos” (Mat. 24:12).

O livro do Apocalipse descreve o

terror daqueles que, tendo oportunidade de salvar-se, desafiaram os desígnios divinos e descuidaram o tempo de graça (Apoc. 6:14-17). Somente poderão sustentar-se os que abandonaram tudo o que os separava de Cristo; aqueles que fizeram de sua comunhão com Deus algo vital e indispensável. Como pastores, não devemos viver como se depositássemos nossas esperanças nas inúteis e frágeis promessas humanas. Agora é o tempo de estreitar ainda mais nosso relacionamento com o Senhor e buscar a purificação pelo sangue do Cordeiro “que tira o pecado do mundo”. ✓

O espírito da SEGUNDA MILHA



JOEL CARVALHO FILHO

*Secretário ministerial da Associação
Planalto Central, Brasília, DF*

No ano 63 a.C., quando Pompeu implantou as insígnias romanas sobre os muros de Jerusalém, o povo começou a experimentar o rigor do jugo de Roma. Entre as medidas vexatórias introduzidas pelo dominador, contava-se aquela que conferia a um enviado de César, em viagem, o direito de recrutar um judeu qualquer para carregar-lhe a bagagem até o limite de uma milha.

Podemos imaginar o ódio que brotava no peito de um israelita humilhado, ao sentir-se compelido a carregar a mala de um gentio arrogante, sob o sol causticante, em alguma estrada poeirenta do solo asiático. Foi justamente a um auditório composto de israelitas ciosos de suas prerrogativas, como filhos de Abraão, herdeiros legítimos da terra de Canaã, que Jesus disse: “Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas.”

Jesus Cristo compreendeu a situação difícil entre as raças hostis. Se o judeu cumprisse, ainda que muito aborrecido, a

*“Se alguém te obrigar a andar uma milha,
vai com ele duas.” Mat. 5:41*

obrigação imposta por lei, estaria admitindo uma situação de inferioridade, embora contra a sua vontade. Indo além do dever, demonstraria possuir uma liberdade interior que desarmaria o opressor.

A obrigação dessa regra transpõe os acanhados limites da Palestina, atravessa mais de dois mil anos de História, e continua um princípio permanente e universal, válido para todos os cristãos. O caminho mais seguro para remover a escravidão é fazer sempre além daquilo que nos é solicitado. A primeira milha às vezes é ingrata; a glória acompanha sempre a segunda milha.

Obrigação versus prazer

Aqueles que trabalham somente porque são obrigados nunca chegam a descobrir o prazer e a bênção do trabalho criativo e espontâneo. O trabalho só tem recompensa para aqueles que levam para o escritório, a oficina, a indústria, a lavoura, etc., o espírito de iniciativa, fazendo mais do que o dever impõe, transformando a obrigação em privilégio e oportunidade para crescimento. Ao contrário de escravos das circunstâncias, tornam-se senhores. Alcançam a liberdade superior de trabalhar, não porque precisam, mas porque querem. Possuídos do espírito da segunda milha, norteiam-se acima da tirania do relógio e são senhores do tempo.

Sobre o espírito da segunda milha, disse Miguel Rizo: “O grande princípio de Jesus divide a conduta humana em duas partes: a compulsória e a voluntária, isto é, o que fazemos porque somos obrigados a fazer, e o que praticamos a mais de uma maneira própria e espontânea. A primeira e a segunda milha. Só quando o voluntário sobrepuja o necessário, a vida pode cessar de ser escravidão atingindo-se pleno sentido de dignidade e valor.”

A primeira milha está no plano do dever; a segunda, no plano do amor. O dever é majestoso; o amor é divino. O dever obriga; o amor constrange. O dever enaltece, o amor sublima.

Quando Ana Nery socorria os soldados feridos nos campos de batalha do Paraguai, fazia-o no espírito da segunda milha. Aliviar-lhes apenas o sofrimento físico, era somente caminhar a primeira milha; cumprir um dever. Minorar o sofrimento moral com um sorriso a toda prova, uma palavra oportuna, um gesto de amor incansável, dando de si mesma para que outras vidas postas a extinguir-se recebessem o impulso da simpatia, era ir além do dever.

Profissional, mercenário e apóstolo

A diferença entre o profissional, o mercenário e o apóstolo é o espírito de segunda milha. O profissio-

consideração não é o dever, mas o lucro. Não lhes importa a honra, mas a bolsa. Para tais indivíduos, não existe a coletividade, mas o eu. Não buscam o crescimento cristão.

O mercenário nada vê na sua profissão, a não ser a oportunidade de lucrar. Daí a sua afinidade com os negócios e subornos. Também calça os pés com todos os

gado para aliviar o sofrimento físico e moral da humanidade. Da advocacia, uma oportunidade para castigar as demandas dos poderosos e uma espada para defender o direito dos mais fracos. Do magistério, um instrumento para libertar a nova geração da tirania da ignorância. Do ministério pastoral, um meio de levar Cristo às pessoas necessitadas de novas perspectivas de vida e carentes de salvação.

Eles são homens e mulheres que não têm por preciosa a própria vida, conquanto que o evangelho seja anunciado e pecadores sejam libertos das cadeias destruidoras do pecado. Por terra e mar, nas cidades e vilas, avenidas e vielas, guetos e arrabaldes, vão anunciando a tempo e fora de tempo que “a esperança é Jesus”.

Serviço de amor

A razão principal que levou Jesus Cristo a anunciar o princípio da segunda milha foi a de arrancar a religião do âmbito estreito do dever e da obrigatoriedade, e colocá-la no plano do verdadeiro e real sentido do amor. Em sua miopia espiritual, escribas e fariseus tinham confinado a religião a um conjunto de cerimônias e tabus. Para eles a religião era repetir certos ritos e abster-se de praticar certos atos. Não possuíam o programa positivo da ação divina nem o verdadeiro sentido do amor ao próximo, através do serviço voluntário.

Como Igreja de Deus e como Seus pastores, somos hoje conclamados a andar a segunda milha, trabalhando com amor e por amor, desfrutando o ministério em vez de sofrê-lo. O espírito da segunda milha requer uma mentalidade de servo, cuja prazerosa preocupação é promover o bem-estar daqueles a quem serve. Se houver algum reconhecimento, ele será sempre bem-vindo; mas sua inexistência não é desculpa para arrefecer o ânimo e a dedicação. Pelo contrário, nosso padrão de conduta foi prescrito por Jesus: “...quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos. Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos.” (Mar. 10:43-45). ✓

nal, quer seja um médico, advogado ou administrador, limita-se a cumprir estritamente as suas obrigações. É pontual no comparecimento ao expediente, mas não é visto trabalhar além do horário. É fiel em observar a ética profissional, mas não se sacrifica pelo bem alheio. Contenta-se com a rotina do seu ofício, sem jamais tomar uma iniciativa que prejudique suas conveniências pessoais. Nunca é visto liderar uma campanha para o bem do seu próximo, nem contribuir para o progresso de sua pátria ou de sua igreja. Não é dado a extorquir o dinheiro dos clientes, ofende-se com a quebra da ética profissional, mas nunca se dispõe a ir além da primeira milha. É apenas um fiel cumpridor do dever. A humanidade lhe é grata, mas não lhe ergue uma estátua.

Num plano inferior, estão os mercenários, também numerosos em suas profissões. São aqueles que transformam os consultórios em balcões, a medicina em charlatanismo, a advocacia em chantagem, a política em demagogia e a religião em uma farsa; um subterfúgio da vida. Não dão um passo a não ser a preço de ouro. Entre essa classe, a primeira

preceitos da ética cristã, mas como Judas e o brasileiro Joaquim Silvério dos Reis, vende a sua alma por algumas míseras moedas de prata. Aos mercenários, a humanidade sempre dedicou desprezo.

A terceira classe é composta de apóstolos. São homens que não esperam ser mandados, mas vão por iniciativa própria. Não se deixam limitar pelo dever, mas vão além deste, mesmo com sacrifício pessoal. A alavanca que os move não são imposições exteriores, mas o idealismo que brota de um caráter nobre. Interpretam cargos e posições como oportunidade de serviço mais devotado em favor do próximo. Suas decisões são pautadas, não por vantagens pessoais, mas pela visão do bem coletivo.

Os apóstolos fazem da imprensa uma tribuna para esclarecer a opinião pública. Da medicina, um sacerdócio abne-



ENGODO na pregação



Divulgação

ELLIE GREEN

Empresária adventista em Indian Trail, Carolina do Norte, Estados Unidos

Através dos anos, tenho ouvido alguns ministros ilustrar seus sermões usando histórias incríveis e circunstâncias exageradas. Essa tendência é muito constrangedora. Sempre acreditei que a veracidade do pastor, uma vez comprometida pelo uso de tais ilustrações, esvazia qualquer benefício espiritual prático que a história possa ter.

Não estou me referindo a todos os pastores. Certamente eu aprecio apresentações interessantes e obviamente nada há errado em um pregador contar uma história para iluminar um ponto de seu sermão. Também nada existe errado em usar parábolas para ensinar alguma lição especial. Jesus usou histórias e parábolas para aumentar a efetividade de Seus ensinamentos. Mas Ele jamais apresentou como verdade uma história inventada ou sensacionalista.

Há muitos ministros que não exageram em suas histórias durante um ser-

Ilustrações sensacionalistas minam a credibilidade do pregador e esvaziam qualquer benefício espiritual prático que a história possa ter

mão. E minha vida tem sido abençoada pela pregação desses servos de Deus.

Minha preocupação é com uns poucos prevaricadores que acabam manchando o ministério, e causam certo descrédito em relação aos demais. James Patterson e Peter Kim¹ revelam que 32% dos americanos acreditam ter sido enganados por algum clérigo, enquanto 42% crêem que foram vítimas de engodo por algum advogado. Essa pesquisa parece indicar que o ministério está apenas 10% atrás dos mentirosos, na taxa de veracidade americana. É muito triste que uns poucos sejam tão capazes de embaçar a credibilidade de centenas de excelentes pastores! De todos os cidadãos, seguramente os ministros devem ser os que mais preservam a integridade.

Cultura mentirosa

Patterson e Kim relatam que “a mentira tornou-se uma característica cultural na América. A mentira está embebida em nosso caráter nacional. Os americanos mentem a respeito de tudo – e, usualmente, não por uma boa razão”. Outra pesquisadora, Sissela Bok, afirma que as pessoas têm boas ra-

zões para mentir e essas razões são inumeráveis.

Ela escreve que nós mentimos para coagir, evitar, ser diplomáticos, fazer as pessoas se sentirem melhores, prevenir um mal percebido, conseguir o que queremos, conquistar apreciação das pessoas, parecer razoáveis, justificar, iludir, condenar, evitar condenação, conseguir poder, apoiar interesses alheios, manter aparências e, de fato, preservar nossa segurança.²

Nada disso é privilégio apenas da cultura norte-americana. Todas as sociedades agem dessa forma. E eu ainda gostaria de acrescentar à lista de Bok: Mentimos para destacar um ponto do sermão, embora eu creia que a maioria dos ministros, ao inventar suas histórias, não possui intenções maliciosas. Acredito que sua intenção é digna. Eu até diria que, no sentido avesso, alguns pastores fantasiam suas histórias para enfatizar alguma coisa em nome do Senhor. Isso é o que chamo de engodo ministerial. Essa fantasia de certo modo torna-se justificada no púlpito, quando supostamente se relaciona com a esperança de ganhar uma alma para Cristo. Que contradição!

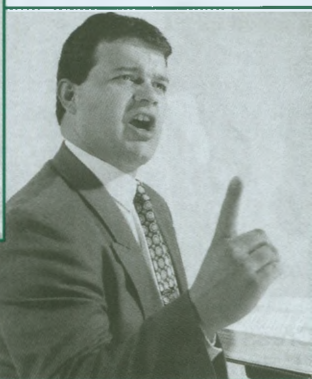
Parece que nós os cristãos, incluindo os ministros, fazemos parte de uma cultura mentirosa maior. Cada pesquisa sobre a questão de falar a verdade indica que atualmente a prevaricação é aceitável. Carmen DeSena, em seu livro *Lie: A Whole Truth (Mentira: A Verdade Completa)*,³ diz que enquanto o escrevia ela ficou abalada ao descobrir quantas pessoas estão mentindo e para quem. Sua pesquisa mostra que os filhos mentem e que eles fazem isso para “chamar a atenção, evitar fazer tarefas domésticas, para exercer controle, em busca de aprovação, por sentirem medo; mas o mais significativo é que eles mentem porque seus pais e outros adultos os ensinaram a fazê-lo”. Ela revela que as pessoas aprendem a mentir muito cedo na vida.

Em outras palavras, as crianças aprendem a mentir pelo exemplo dos adultos. Portanto, é razoável concluir que se as crianças crescem em uma igreja que admira e se alegra diante das histórias fantasiosas de um pastor favorito, elas provavelmente vão crer pelo

resto da vida que isso é uma prática aceitável no púlpito e fora dele. Quem sabe um desses meninos entrará para o ministério e não encontrará razões para não perpetuar uma prática que tanto lhe entretinha na infância.

A perspectiva divina

Ao lado de muitas passagens bíblicas condenando a prevaricação, Deus preservou numerosos relatos de personagens que acreditaram, por uma ou outra razão, que a falsificação de fatos poderia servir aos seus me-



lhores interesses. Tais relatos provam que Deus não minimiza a seriedade do pecado da prevaricação.

Eis alguns exemplos:

Mentira deslavada. Gênesis 4 conta-nos a história de Caim que ofereceu um sacrifício errado, rejeitado por Deus, e então assassinou Abel, seu irmão, cujo sacrifício certo foi aceito, impulsionado por uma ira ciumenta. Quando Deus perguntou a Caim: "Onde está Abel, teu irmão?", ele replicou: "Não sei; acaso sou eu tutor de meu irmão?"

Mentira racionalizada. Sabendo que Faraó poderia cobiçar sua linda mulher, Abraão raciocinou que ele não seria culpado de falsidade ao apresentar Sara como sua irmã. Afinal, ela era, de fato, sua meia-irmã (Gên. 12).

Mentira premeditada. O capítulo 27 do livro de Gênesis fala da mentira deliberada de Jacó, ajudado por sua mãe Rebeca. A conspiração resultou em uma grande decepção para Esaú e Isaque e é claramente apontada como causa de alguns horrores experimentados por Jacó, ao longo de sua vida.

Mentira circunstancial. Em I Samuel 21 e 22, vemos a respeito da mentira de Davi para salvar sua própria vida, mas que resultou na morte do sumo sacerdote Aimeleque.

Mentira gananciosa. Geazi cobiçou os presentes recusados por Elizeu. Sua mentira a respeito disso, contada ao profeta, fez com que este pronunciasse a maldição segundo a qual Geazi ficou leproso (II Reis 5).

Mentira branca. Segundo Atos 4, Ananias quis tirar algum proveito da venda de seu terreno embora garantisse aos apóstolos que estava ofertando todo o dinheiro obtido na transação. Dentro de três horas, ele e sua esposa, Safira, estavam mortos.

As Escrituras deixam claro que Deus não trata levemente qualquer forma de engano. E também aponta que "Deus requer que a autenticidade seja a marca de Seu povo, mesmo diante do maior perigo".⁴ Se não devemos mentir, mesmo quando em perigo de perder a vida, quão mais confiáveis deveríamos

ser ao apresentarmos um sermão!

A visão do ouvinte

Como um leigo sentado no banco da igreja, vendo-o no púlpito, enquanto acompanho sua mensagem com minha Bíblia aberta, espero que você, pastor, seja o porta-voz de Deus, para mim e minha família.

Necessitamos desesperadamente de seu hábil conhecimento da verdade divina, tal como revelada na Palavra de Deus. Necessitamos que você alimente nossa alma com informações e conceitos exauridos da Palavra; de tal forma que superemos nossas faltas e sejamos capacitados para andar mais intimamente com Deus. Então, cada semana nós voltaremos para um novo banquete espiritual, sabendo que você preparou o alimento na forma de um sermão fervoroso e cheio do Espírito.

É importante para nós sabermos que cada palavra que sai da sua boca duran-

te o sermão, vem sob o escrutínio de Deus; e que o Espírito Santo a inspirou para nosso bem. Embora nós possamos aprender de histórias verdadeiras, com pessoas reais, relatadas para ilustrar sua mensagem, rejeitamos as fantasias e invenções frívolas porque elas nos fazem perder o interesse na justiça.

Quando tais histórias são relatadas, tendemos a focalizar o seu lado sensacionalista, em vez da mensagem subjacente. Isso nos impede de confrontar nossos pecados e a necessidade de reconhecê-los francamente. Sem essa análise e confissão semanal de nossos pecados não podemos progredir em santidade nem desenvolver a profundidade de caráter a qual Deus nos chama.

Quando você conta uma história sensacionalista para ilustrar um aspecto particular do seu sermão, nos leva a crer que você não pode ser confiável em outras áreas que são críticas para nossa vida espiritual, tais como criação e educação de filhos, oração e união pelos doentes, aconselhamento de casais à beira do divórcio, etc.

Esteja absolutamente certo de que não queremos sermões que apenas nos divirtam. Queremos levar amigos e membros não-crentes da família à igreja, sabendo que eles ouvirão uma mensagem cristocêntrica, que os inspirará a

unir-se a nós no serviço de Jesus Cristo. Sabemos que mais e mais, à medida que nos aproximamos do fim de todas as coisas, iremos enfrentar mentiras assombrosas de todo tipo, e necessitamos que você seja um pregador honrado, verdadeiro e confiável, para quem o engodo ministerial de qualquer tipo é detestável.

Queremos poder dizer a nossos amigos e familiares: "Se você deseja conhecer Jesus, posso apresentar-lhe nosso pastor." ✓

Referência

1. James Patterson e Peter Kim, *The Day America Told the Truth* (Prentice Hall Press), 1991.
2. Sissela Bok, *Lying: Moral Choice in Public and Private Life* (Pantheon Books, 1978).
3. Carmen DeSena, *Lies: The Whole Truth* (Putnam Publishing Group, 1993).
4. Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, pág. 656.

Integração ministerial

Concílio reúne secretários ministeriais, administradores, teólogos e coordenadoras da Afam



Pastor James Cress (à direita) prega, traduzido pelo Pastor Salomón Arana, reitor da Universidade Peruana União

Afam. O evento ocorreu nos dias 18 a 23 de julho, na Universidade Peruana União, em Lima, Peru, e contou ainda com a participação dos seguintes convidados especiais: Pastores James Cress, secretário ministerial da Associação Geral, Joel Sarli, seu associado, Donald Sahly, secretário para Educação em Liderança, também da AG, Sérgio Balboa, presidente da União

Norte-Mexicana, Sras. Sharom Cress e Margarida Sarli, coordenadoras da Afam internacional.



Coordenadoras da Afam na Divisão Sul-Americana

Programação

Falando sobre os objetivos do encontro, o Pastor Bullón destacou: “Estamos orando para que estes dias não sejam apenas ocupados com treinamento e capacitação, mas, acima de tudo, de inspiração e poder.” Para o Pastor Arrais, “o pastor deve se manter num processo de crescimento no trabalho, no conhecimento e na comunhão”, daí a necessidade do concílio.

Na mensagem de abertura, o Pastor Ruy Nagel, presidente da Divisão Sul-Americana, destacou o fato de que o pastor deve estar consciente do seu chamado por Deus. Isso é básico para que ele realize um trabalho frutífero, que contribua para o crescimento espiritual e numérico da Igreja.

O Pastor Sérgio Balboa, responsável

pelas mensagens devocionais, também insistiu na santidade do chamado pastoral e na responsabilidade que ele representa. “O ministério não é uma profissão, uma ocupação qualquer. Não é simplesmente uma vocação que alguém possui; é uma escolha de Deus”, disse.

Após a mensagem matinal, o tempo era ocupado com palestras sobre

A necessidade de aprimoramento, avaliação de métodos e procedimentos se impõe, nos dias atuais, em qualquer atividade. A área ministerial, por exemplo, requer a incessante busca de crescimento pessoal, profissional e sobretudo espiritual.

Com esse pressuposto, a Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana, representada pelos Pastores Alejandro Bullón e Jonas Arrais, e pelas Professoras Evelyn Nagel e Raquel Arrais, realizou um concílio que reuniu secretários ministeriais, administradores, professores de Teologia e líderes da Área Feminina da Associação Ministerial,



Pastor Sérgio Balboa

temas variados: administração eclesiástica, discipulado dos membros, propósitos da Associação Ministerial, espiritualidade do pastor, princípios de liderança, entre outros. À tarde, discussão assumia uma conotação mais prática, envolvendo procedimentos ministeriais e suscitando maior participação do grupo.

Enquanto isso, as coordenadoras da Afam também discutiam seus rumos em reuniões à parte.

Nas palestras que apresentou e no sermão de sábado pela manhã, o Pastor Cress demonstrou que o processo de evangelização não termina com o batismo de uma pessoa. O novo crente deve crescer em todas as áreas da vida espiritual, devidamente acompanhado e auxiliado pelo pastor, até tornar-se um discípulo capaz de gerar outros discípulos. Além de ser a marca do verdadeiro êxito evangelístico, esse procedimento ajuda a fechar as portas da apostasia, de acordo com o líder da AG.

Convencida dessa verdade, é que a liderança da Divisão Sul-Americana implantou o programa "Evangelismo Integrado", que contempla a união de todos os segmentos da Igreja para a missão. Como resultado desse projeto, verifica-se considerável aumento de batismos bem como maior participação leiga e de novos conversos na missão da Igreja. Dessa forma, eles se tornam crentes maduros, fortalecidos e comprometidos com a conquista de outros indivíduos para Cristo.

"Em termos de missão, nosso programa de evangelismo integrado é vital. Ou unimos todas as forças para evangelizar, ou não sobreviveremos como Igreja", afirmou o Pastor Ruy Nagel.



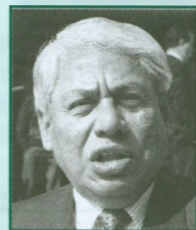
Sharom Cress, líder mundial da Afam

A opinião de quem assistiu



• "Além da atmosfera de companheirismo, destaco o conteúdo das palestras. Foram muito apropriadas para uma época de tantos desafios intelectuais e mudanças." – *Pastor Joab Faye das Chagas, secretário ministerial da Associação Amazônia Ocidental*

• "Os problemas que a Igreja enfrenta são semelhantes em qualquer parte do mundo, e as orientações foram úteis para todas as situações." – *Pastor Manoel Egas, presidente da União Equatoriana*



Schirley Dutra Artiaga, da Associação Brasil Central

• "Esta foi uma excelente oportunidade para receber informações para nosso crescimento pessoal e nosso trabalho, no Campo, junto às demais esposas de pastores. Os seminários para as coordenadoras da Afam foram muito significativos." – *Schirley Dutra Artiaga, da Associação Brasil Central*

• "Foi uma grata satisfação participar deste concílio. A maneira como fomos recebidos e tratados, o convívio com os colegas, as mensagens e aulas, tudo representou um elevado ganho para todos nós." – *Pastor Carlos Sánchez, secretário ministerial da União Chilena*



• "Foi um encontro muito proveitoso. Destaco a palestra da Sra. Cress, sobre como curar feridas emocionais, e o seminário de saúde, apresentado pelo Dr. Hélienio Nogueira, como importantíssimos para o nosso dia-a-dia." – *Françoise Monnier, da União Boliviana*

HUMOR

"Alegrai-vos sempre no Senhor. Outra vez digo, alegrai-vos!"



"Folguem e em Ti se rejubilem todos os que Te buscam..."

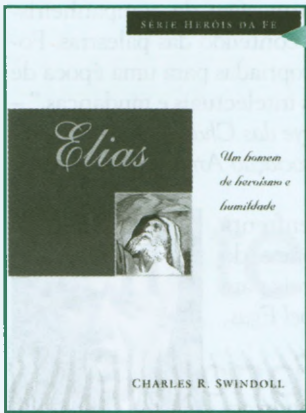


"Na Tua presença há plenitude de alegria."



A igreja não tem nada para comemorar....





ELIAS: UM HOMEM DE HEROÍSMO E HUMILDADE

– Charles R. Swindoll, Editora Mundo Cristão, Caixa Postal 21.257, CEP 04698-970 São Paulo, SP, Tel. 0800-115074, 201 páginas.

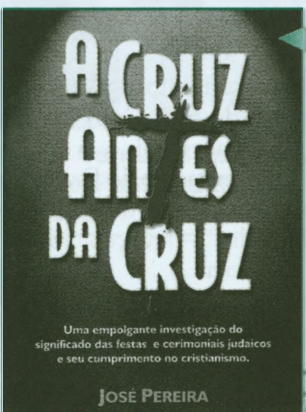
Este livro é o quinto volume da série “Heróis da Fé”, que já conta com Davi, Ester, José e Moisés. Elias relata, de um lado, a coragem do profeta de Deus ao enfrentar um povo corrompido pela impiedade e, de outro, a humildade do servo que se submete a seu Senhor, independentemente das circunstâncias.



CASAMENTO: O QUE É ISSO?

– César Vasconcellos de Souza, Centro Adventista de Vida Saudável, Caixa Postal 97.455, 28601-970 Nova Friburgo, RJ, 112 páginas.

Neste livro, o autor, médico psiquiatra, responde a muitas perguntas feitas todos os dias por indivíduos casados, descasados e solteiros. E vai mais longe: fala dos ruídos na comunicação conjugal, da individualidade e da intimidade do casal, do aprendizado e da realização no relacionamento sexual e das diferenças que podem tornar duas pessoas em uma só carne.



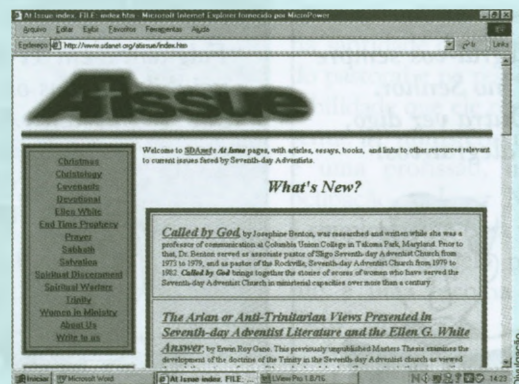
A CRUZ ANTES DA CRUZ

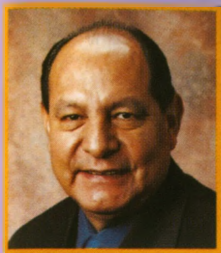
– José Pereira, Editora Tempos, Telefones (11) 6642-6142 e 6642-0743, 95 páginas.

Um livro que revela de maneira simples e envolvente os simbolismos dos cerimoniais do antigo Israel, e como em cada detalhe e ordenança havia a marca da redenção em Cristo Jesus. Aqui o leitor aprende como Deus lida com o pecado e com o pecador. Ao lado disso adquire a certeza de que não precisa temer nada quanto ao futuro, graças ao sacrifício efetuado na cruz.

VEJA NA INTERNET – Um verdadeiro tesouro de textos adventistas da melhor qualidade pode ser encontrado na página ATISSUE do site SDANET. Livros inteiros, capítulos de teses, artigos, ensaios e links, principalmente sobre as doutrinas mais distintivas do adventismo, como **concerto, profecias do tempo do fim, sábado, trindade, cristologia**, estão disponibilizados no endereço: www.sdanet.org/atissue/index.htm

Coloque esse endereço na sua lista de favoritos, pois ele poderá lhe ser útil quando precisar se aprofundar num desses temas. Se eles forem tratados por autores de outras denominações fatalmente trarão conceitos contrários aos nossos. – Márcio Dias Guarda, editor de Mídia Digital da Casa Publicadora Brasileira





ALEJANDRO BULLÓN

Secretário ministerial da
Divisão Sul-Americana da IASD

A convicção do chamado divino está adormecida em algum canto do coração desde que nascemos. Alguns tomam consciência dela ainda cedo, quando começam a ter noção das coisas e da vida. Outros levam tempo para descobri-la e chegam a ficar confusos. Um dia, entretanto, de maneira extraordinária, percebem que Deus os chamou para o ministério desde quando ainda se encontravam no ventre materno.

Uma coisa é certa e precisa ser comum a todo ministro do Senhor: não é possível ingressar no ministério pastoral sem a profunda convicção do chamado divino. Alguns o fazem, mas o trabalho exercido por esses pastores será sempre vazio, sem conteúdo, desprovido de qualquer sentido.

Se você tivesse que responder à pergunta: “por que sou pastor?”, tenho certeza de que não hesitaria muito em dizer que é pastor porque Deus o chamou. Acho que a grande maioria dos pastores é consciente do seu chamado. O problema surge quando nos perguntamos: “para que sou pastor?” Qual é a razão do meu ministério? Para onde estou indo? Que atividades ocupam a maior parte do meu tempo, requerem maior porção das minhas energias, ou são prioritárias em minha agenda?

Se em qualquer área da vida é preciso que alguém saiba qual o propósito para o qual ali foi colocado, no ministério pastoral, isso é indispensável. O agricultor existe para plantar, cultivar e colher. Na hora de plantar, ele precisa de adubo. O perigo que o ameaça é a tendência de começar a fabricar adubo e se esquecer que sua verdadeira função

é plantar, cultivar e colher.

A função do padeiro é preparar pães. Para isso, precisa de farinha; e a farinha vem do trigo. O perigo que ronda o padeiro é a tentação de começar a plantar o trigo, com a finalidade de conseguir farinha mais barata, e se esquecer que sua missão é fazer pães.

Quero ser mais realista ainda. O grande perigo que ameaça o padeiro é ele ficar tão preocupado com o aspecto físico da panificadora, do prédio, dos vidros, das prateleiras, dos balcões, do leiteiro com o nome da padaria, das embalagens, e acabar descuidando do seu verdadeiro trabalho de fabricar pães.

Qual é a missão do pastor? É possível que, no momento em que você foi ordenado ao ministério, alguém leu para você, como parte da comissão, o texto de Ezequiel 33:7 e 8: “A ti, pois, ó filho do homem, te constituí por atalaia sobre a casa de Israel; tu, pois, ouvirás a palavra da Minha boca e lhe darás aviso da Minha parte. Se Eu disser ao perverso: Ó perverso, certamente, morrerás; e tu não falares, para avisar o perverso do seu caminho, morrerá esse perverso na sua iniquidade, mas o seu sangue Eu o demandarei de ti.”

Seguramente também foi lida a passagem da segunda carta de Paulo a Timóteo: “Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela Sua manifestação e pelo Seu reino: prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina.” (4:1 e 2).

Alguns verbos, em sua forma imperativa, estão em destaque nesse verso. Quero ressaltar a expressão “insta”. Em sua forma original grega – *ephistemi* –, esse termo normalmente significa “permanecer perto”. A tradução inglesa de Williams diz o seguinte: “Permanece nis-

so a tempo e fora de tempo”. Mas, permanecer fazendo o quê? Instando ao ímpio no sentido de que se arrependa dos seus caminhos pecaminosos bem como pregando as boas novas de salvação.

Em outras palavras, você é pastor para *ephistemi*, ou seja, a fim de permanecer pregando e conquistando homens e mulheres para Cristo, a tempo e fora de tempo. Tendo em mente esse pensamento, reflita consigo mesmo: quanto do que você executa no seu programa diário está direcionado especificamente para conduzir pessoas ao reino de Deus através do batismo?

É comum e fácil filosofar no sentido de que tudo o que o pastor faz tem que ver com a missão da Igreja. Porém, repito a pergunta, quanto do que você realiza diariamente está direcionado especificamente à conversão de pessoas? Não digo paralelamente, nem globalmente, muito menos “em certo sentido”. Estou falando *especificamente*.

Pergunte a si mesmo, por exemplo, se neste momento você tem uma lista com todos os interessados na mensagem adventista e membros da igreja em perspectiva. Acompanha você, constantemente, o crescimento dessas pessoas, embora não seja pessoalmente o encarregado de prepará-las para o batismo?

Lembre-se: a missão da Igreja é pregar o evangelho a todo o mundo. Somos uma Igreja nascida para evangelizar. E nós, como pastores, não podemos jamais esquecer-nos de que somos parte desta Igreja e estamos diretamente envolvidos em ajudá-la a cumprir sua missão. É fácil esquecer-nos da missão da Igreja e passar a viver cuidando de detalhes necessários, mas que não são a causa da sua existência.

Nós, como pastores, e a Igreja existimos para encaminhar homens e mulheres a Cristo. ✓

Um grande DESAFIO



198
páginas

Ligue Grátis
0800-990606
para fazer seu
pedido, ou peça
ao SELS de seu
Campo.

Imagine uma igreja composta de cegos esfarrapados que acreditam estar bem vestidos, ser ricos e enxergar bem. O cenário não é fictício. E o mais desconcertante – trata-se de sua igreja – a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Haverá esperança para um corpo de crentes tão presunçoso? Sim, com certeza. O autor mostra, com muita autoridade, que a cura garantida para o engano fatal de Laodicéia é uma clara compreensão da grande verdade da justificação pela fé. O desafio é ler este livro, aceitar e pôr em prática o urgente conselho de Cristo à Igreja.

Confira!

Casa
Publicadora
Brasileira

